

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

MARIA JOSÉ DE SOUZA OLIVEIRA

**ALFABETIZAÇÃO E FRACASSO ESCOLAR NO MUNICÍPIO
DE OURILÂNDIA DO NORTE**

Ourilândia do Norte

2007



MARIA JOSÉ DE SOUZA OLIVEIRA

**ALFABETIZAÇÃO E FRACASSO ESCOLAR NO MUNICÍPIO
DE OURILÂNDIA DO NORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do grau Licenciatura Plena em
Pedagogia – Universidade Federal do Pará –
Campus Universitário Sul e Sudeste do Pará,
sob orientação da professora Andreza Angélica
Frota Gama.

Ourilândia do Norte Pará

2007

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiro a Deus que sempre iluminou minha vida, me dando forças para vencer os obstáculos que deparei durante toda a jornada de minha existência.

Segundo aos meus pais (José Quito e Doraci) que sempre me incentivaram a continuar, mesmo quando parecia impossível.

Em terceiro aos meus filhos (Carlos Henrique e Helen Caroliny) que mesmo sendo crianças sempre me apoiaram e compreenderam a minha ausência quando estes precisavam de mim.

AGRADECIMENTOS

Ao meu **Deus** que devo todo o meu sincero agradecimento, por estar sempre me iluminando e dando-me sabedoria para continuar persistindo diante das dificuldades encontradas na minha vida.

Aos meus pais (Doraci e José Quito) por estarem sempre do meu lado me incentivando a continuar lutando.

Ao meu marido (Raimundo) que direta ou indiretamente contribuiu para que eu concluísse esse curso.

A minha irmã (Edna) por estar sempre do meu lado nas horas mais difíceis da minha vida e que me acompanhou durante toda a jornada desse curso.

A meu cunhado (Ronério), que me ajudou na reestruturação do presente trabalho.

As minhas orientadoras (Andreza Angélica Frota Gama e Lucélia Cardoso Cavalcante) que me acompanharam na elaboração deste trabalho orientando-me sempre que necessário.

A todos meus amigos que me deram forças para continuar lutando para vencer os obstáculos que surgem no dia-a-dia e a todos os professores que contribuíram com a minha formação.

“Nada melhor que a ignorância para gerar a obediência cega; a subserviência e o conformismo, como destino irrevogável da condição humana”.

Cagliari (1992, p. 10),

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a alfabetização e o fracasso escolar no município de Ourilândia do Norte, a fim de buscar soluções para o problema que afeta a maioria das escolas do referido município, questionando as seguintes questões: Que fatores têm causado o fracasso escolar dos alunos em termos de alfabetização no município? Qual o papel da escola e do professor para combater o fracasso escolar? e O que podemos fazer para que essa realidade seja amenizada? No intuito de uma melhor compreensão sobre essas questões foi realizada uma pesquisa numa escola do município, em uma sala de 1º ano do Ensino Fundamental de nove anos, visando observar o processo ensino-aprendizagem, a interação professor-aluno, além de buscar dados reais sobre a formação destinada aos professores dessa área. Em busca de uma melhor compreensão sobre esse tema, foi realizada uma pesquisa em uma abordagem qualitativa e como coleta de dados optou-se pela pesquisa bibliográfica (estudos de vários autores como: Ferreiro, Teberosky, Cardoso, Cagliari, e outros), observação participante, entrevista semi-estruturada e análise documental. Esses métodos se fizeram necessários para uma compreensão maior desse tema no Município de Ourilândia do Norte.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 (p.76) Dados referentes ao rendimento escolar do ano de 2004

QUADRO 2 (p 76) Dados referentes ao rendimento escolar do ano de 2005

QUADRO 3 (p.77) Dados de 2004 e 2005

SUMÁRIO

Introdução.....	10
CAPÍTULO I	
1 - DISCUTINDO ASPECTOS DA ALFABETIZAÇÃO.....	18
1.1 – Níveis de escrita.....	20
1.2 - A educação no Município de Ourilândia do Norte.....	30
1.3 - Formação de professores.....	32
2 - O FRACASSO ESCOLAR NA ALFABETIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DE ALGUNS AUTORES.	
2.1 - O que a escola ensina.....	36
2.2 - Metodologias aplicadas nas escolas.....	36
2.3 - Relações de ensino na sala de aula.....	41
CAPÍTULO II	
2 - PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	48
3 - ANÁLISE DOS DADOS.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
BIBLIOGRAFIA.....	87
ANEXO I – Entrevista com professores, coordenador e diretor.....	88
ANEXO II – Observações na sala de aula.e Análise documental.....	98

INTRODUÇÃO

O mundo vem passando por várias mudanças tanto no campo sócio-econômico e político quanto no campo da cultura, da ciência e da tecnologia. Nossa sociedade está cada vez mais globalizada, mais complexa, exigindo um aprimoramento constante, criando novas necessidades, cobrando cada vez mais do ser humano uma participação ativa no processo de evolução que vem ocorrendo nos últimos anos. Um ser que contribua e participe dessas transformações de forma autônoma, dando sua contribuição de forma satisfatória à sociedade, ultrapassando uma visão mecânica de educação e atuando de forma consciente das conseqüências que poderão surgir a partir dessa interferência no meio social.

Assim, é necessário que os governantes invistam no processo educacional, contribuindo para a formação de um ser reflexivo, saindo de um ensino tradicional, arcaico, para trabalhar de forma que leve o indivíduo a participar dessas mudanças ocorridas no mundo como um ser crítico, reflexivo, construtor da práxis, ou seja, um ser capaz de agir, pensar e agir novamente provocando mudanças.

Com as evoluções que ocorrem mundialmente, a sociedade vem exigindo cada vez mais das instituições escolares um acompanhamento intenso, no qual o cidadão se desenvolva plenamente e assim saiba atuar diante das dificuldades existente em seu cotidiano. E a escola, ainda com uma prática tradicional, não vem possibilitando que esse ser se torne autônomo e acompanhe essas transformações. Pois as práticas escolares são baseadas em métodos mecânicos, fragmentados. Mesmo com as constantes mudanças que aconteceram a escola não acompanhou essas evoluções que exigem energicamente do ser humano uma participação ativa, a mesma continua arraigada a uma tradição que insiste em permanecer nas salas de aula. Pelo que se percebe, o método de alfabetização¹ existente nas escolas, hoje, não vem contribuindo para que o aluno se torne um ser autônomo, devido a

¹ A alfabetização nesse caso fica confinada ao âmbito dos componentes mais básicos e mecânicos da leitura, o que tecnicamente é chamado de “reconhecimento de palavras”.

prática educacional ser utilizada por um modelo de educação com caráter tradicional, impedindo, portanto, que o aluno se desenvolva em sua plenitude. É possível constatar tal afirmação nas palavras de Klein (2001, p.15), a escola tradicional não toma o aluno como alguém que possui a sua história, desconsidera a sua realidade sócio-econômica e cultural e trabalha um conteúdo fragmentado, onde o professor ministra um conhecimento pronto e acabado, o que torna o ensino abstrato e o educando um ser passivo diante de suas ações. Entretanto, é preciso construir, urgentemente, uma escola que ensine a pensar e a aprender.

Fala-se muito que é preciso mudar o sistema educacional em vigor no país, mas, realmente, pouco se tem feito para apresentar soluções imediatas ao fracasso escolar de inúmeras crianças na alfabetização.

Será que a solução para esse fracasso depende mesmo só dos legisladores educacionais ou pode depender, às vezes, muito mais dos educadores?

As crianças mostram, a todo o momento, como aprendem, quando aprendem e com que aprendem. E, muitas vezes, não é dada a devida atenção a esses pontos fundamentais no cotidiano da sala de aula, no desenvolvimento da prática pedagógica, na postura do professor frente à aquisição do conhecimento pela criança.

O processo de alfabetização, ao longo dos anos, tem sido considerado um dos fatores responsáveis pelo fracasso escolar e vem conferindo à escola um papel discriminatório. Daí, a necessidade de se fazer algo "urgente" para que se mude a presente realidade.

O fato da escola, em geral, não estar cumprindo com o seu papel de formar seus alunos bons leitores e escritores competentes da língua escrita, tem trazido conseqüências graves para o futuro destes, que tem enormes dificuldades no cotidiano de sua vida escolar e pessoal, devido à leitura e a escrita se fazer necessárias a todo instante. Deste modo, os alunos são atingidos, as conseqüências se agravam cada vez mais e os converte ao insucesso escolar e a exclusão na escola e na sociedade na qual estão inseridos.

Formar leitores e escritores competentes faz parte do processo de desenvolvimento de um país, ou seja, as pessoas alfabetizadas têm possibilidade de ler o mundo a sua volta, conhecendo os seus direitos e deveres, podendo agir de forma consciente diante da sociedade.

O ato da leitura e da escrita conduz a um processo de aprender, de conhecer, de apreender novos significados que ajudam os discentes a viverem com mais qualidade de vida. Um dos primeiros passos, nesse sentido, é a oferta de uma educação que esteja próxima à realidade de cada educando, que suscite sugestões e ações significativas para a sua vida.

A escrita, nas concepções tradicionais de alfabetização, baseada na visão de que a aprendizagem da linguagem escrita é um processo de associação de símbolos gráficos a sons da fala e, por isso, um processo mecânico de repetição de letras ou sílabas e seus respectivos segmentos sonoros, passaram a ser questionada com mais intensidade nas últimas décadas. (PCNs,2001).

Dentro de um contexto amplo, práticas de alfabetização como esta, tem sido responsável pelo fracasso escolar e, conseqüentemente, vem atuando como geradora da exclusão de significativa parte do alunado, conferindo a escola um caráter discriminatório. Emerge deste quadro educacional a necessidade de se realizar estudo nessa área para contribuir com o município de Ourilândia do Norte. Pois o que se vê no município é uma educação baseada no tradicionalismo, um ensino mecânico e fragmentado, em que o professor não leva em consideração os conhecimentos prévios dos alunos nem respeita as suas individualidades.

A escola como uma instituição social evidencia práticas de exclusão e discriminação, vendo o educando de forma homogênea, como se todos fossem dotados da mesma inteligência, não respeitando suas diferenças sócio - econômicas e culturais e os coloca em um mesmo patamar, sem analisar e/ou respeitar suas limitações. Assim, a cada dia que passa, as estatísticas mundiais mostram o grande aumento do fracasso e da evasão escolar na educação, principalmente, nas turmas de alfabetização. A denúncia desse fracasso está presente em toda literatura pedagógica, conforme se verifica no artigo abaixo: (MELLO, apud. KLEIN 2001, p.17).

As últimas estatísticas do MEC dão conta de que em 1982, como a pelo menos há quatro décadas, cerca de 50% dos alunos matriculados na primeira série do 1º grau não conseguiram concluí-la. Fracassaram logo no início da escolarização, por abandono da escola ou repetência.

Urge, então, a necessidade da escola repensar o seu papel social, não apenas alfabetizar ou fazer com que o indivíduo permaneça na escola por mais tempo, mas dar qualidade a esse tempo de permanência no âmbito escolar, ou seja, letrar os seus alunos, pois o letramento possibilita que o indivíduo modifique as suas condições iniciais sob os aspectos: sócio-cultural, cognitivo e, até mesmo, econômico.

De posse dos dados publicados pela Revista Veja (26/04/2006), divulgando o resultado de uma pesquisa conduzida pela Fundação Montenegro sobre o índice de analfabetos no Brasil, relata que 30% da população brasileira são semi-analfabetas, ou seja, praticamente não sabe ler, apenas consegue assinar o nome, ler cartazes, manchetes de jornais e revistas, anúncios de letras grandes com ilustrações ou anotar um número de telefone.

De acordo com a pesquisa realizada pela revista Veja, o Brasil ficou em último lugar numa avaliação que mediu a capacidade de leitura em 32 países, tendo um índice de 32% de crianças que não conseguem passar para o 2º ano do Ensino Fundamental, 55% dos estudantes da 4ª série não compreende a idéia principal de um texto simples e apenas 2 de cada 10 adultos brasileiros dominam a leitura e a escrita. De posse dos resultados de tal pesquisa, vê-se a necessidade de repensar urgentemente, o processo de alfabetização em nosso país.

O fracasso escolar, por ser um problema que atinge o mundo inteiro, suscitou estudos em vários países, nos quais pesquisadores realizam investigação acerca do psiquismo humano, tecendo compreensões sobre o processo pelo qual a criança passa durante o seu desenvolvimento da leitura e da escrita, desde os primeiros meses de vida até a sua fase adulta, analisando e avaliando seu comportamento diante das situações e refletindo sobre os possíveis fatores que interferem nesse processo.

Esses autores chegaram a várias conclusões que contribuíram e contribuem bastante para a compreensão do ser humano como um todo, pois ao estudar Ferreiro e demais teóricos como: Piaget, Smolka, Teberosky, etc., percebe-se a importância destes para o rompimento das concepções tradicionais de alfabetização, possibilitando, assim, que os professores alfabetizadores reflitam sobre a participação da criança no processo ensino-aprendizagem.

O reiterado fracasso escolar das crianças de escolas públicas na fase inicial de alfabetização contribuiu para que a teoria de Ferreiro & Teberosky (1999), orientada por pressupostos interacionistas na perspectiva psicogenética, encontrasse campo fértil para divulgação e aceitação no meio educacional. A partir desta, empreendeu-se um verdadeiro desafio no processo de leitura e escrita a todos os educadores que atuam de forma direta ou indireta nas classes de alfabetização.

As pesquisadoras Ferreiro & Teberosky (1999), assinalaram que as elaborações que construíram eram as primeiras no sentido de:

[...] proceder a uma revisão completa de nossas idéias sobre a aprendizagem da língua escrita, a partir das descobertas da psicolinguística contemporânea e as primeiras a vincular esses conhecimentos "com o desenvolvimento cognitivo".

Além disso, apontaram que essa nova forma de conceber a alfabetização, considerando o sujeito que aprende e, portanto, a sua atividade tem, segundo a fala das pesquisadoras como fim último, o de contribuir na solução dos problemas de aprendizagem da lecto-escritura na América Latina, e o de evitar que o sistema educacional continue produzindo futuros analfabetos (1999: p.32).

Entretanto, as expectativas de resolver os problemas denominados pelas autoras de seleção social geradas pela distribuição desigual de oportunidades educacionais, não se concretizaram e muitas crianças que são matriculadas nas escolas continuam sem aprender a ler e a escrever, porque a solução para o problema do fracasso escolar, durante a alfabetização, exige não apenas mudanças nas concepções de ensino e aprendizagem, mas demanda, sobretudo, no empenho

e vontade dos poderes públicos no sentido de garantirem às condições para que o sistema educacional possibilite a efetiva aprendizagem.

Esse interesse de pesquisar tal tema advem de uma necessidade profissional, visto que venho atuando como educadora a 13 anos em escolas públicas e deparando-me diariamente com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem em seu processo de desenvolvimento da língua oral e escrita, um grande índice de repetência nas séries iniciais e o aumento numérico de alunos propício ao fracasso escolar por não estarem “preparados” para as exigências de formação na escola, além de relevância social e acadêmica.

É notório na realidade educacional do Município de Ourilândia do Norte, caso de crianças que enfrentam grandes dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, observando que a maioria das reprovações acontece no 1º ano do ensino fundamental; os alunos reprovados ou que fracassam, pertencem geralmente, a classes populares.

Diante dessa problemática, vê-se a necessidade de professores que compreendam o funcionamento do processo da leitura e da escrita e o que se percebe é que os professores do município de Ourilândia do Norte possuem pouco conhecimento nessa área, porém não é o suficiente para que o professor desenvolva um trabalho eficaz e de qualidade; sabe-se que para o educando ter esse conhecimento é necessário um investimento maior em cursos de formação docente que oriente o trabalho pedagógico respeitando a diversidade existente em sala.

A partir dessa pesquisa busca-se responder várias indagações que emergem de minha prática como professora e coordenadora pedagógica, pois é perceptível o grande índice de fracasso escolar no município de Ourilândia do Norte, principalmente no que se refere as turmas de alfabetização.

Diante da prática escolar, vê-se a necessidade de repensar à prática do professor enquanto mediador do processo educacional, visto que a qualidade do ensino passa pela sua competência. Assim, é de fundamental importância que o professor participe de cursos de formação que lhe proponham a reflexão sobre a sua prática pedagógica, de modo que possa compreender o processo de aquisição da

leitura e da escrita em condições de colocá-la em prática. Neste caso, é necessário um investimento na formação do professor a partir da sua própria prática, de modo a levá-lo a empregar novas metodologias e interação pedagógica no trabalho dos conteúdos propostos.

Com este estudo busca-se compreender: “Como se dá o processo de alfabetização no município (Ourilândia do Norte)? Quais os fatores que interferem no processo de formação da criança leitora e escrevente? E Quais os fatores que causam o fracasso escolar no município?”. Julgando, relevante abordar esta temática para contribuir com o trabalho de se pensar e repensar as práticas desenvolvidas na alfabetização, além de discutir a ação pedagógica e seus elementos constitutivos, propondo a reflexão acerca da prática pedagógica alfabetizadora e a real necessidade da escola repensar seus métodos, currículos, avaliação, etc.

Diante dessa necessidade, a escola e professores precisam rever suas ideologias e aprimorá-las para que se tenha mais êxito no processo ensino-aprendizagem.

No decorrer da pesquisa, o leitor se deparará com uma explanação sobre a importância da reflexão da escola para a sua prática educativa e a análise do fracasso escolar na alfabetização no município de Ourilândia do Norte.

O trabalho está assim estruturado: no primeiro capítulo serão expostos os pressupostos teóricos, apresentando-se uma discussão de vários teóricos sobre as concepções de Alfabetização e questões acerca do Fracasso Escolar. O segundo capítulo será composto pelos pressupostos metodológicos indicando o tipo de pesquisa e os métodos utilizados para o desenvolvimento desta produção. No terceiro capítulo, apresenta-se a análise e a interpretação dos dados da pesquisa e reflexões sobre a realidade educacional do município de Ourilândia do Norte.

CAPÍTULO I

DISCUTINDO ASPECTOS DA ALFABETIZAÇÃO.

O índice do fracasso escolar no país se mostra cada vez mais elevado. Essa é uma preocupação dos profissionais da educação que visam uma educação de qualidade “para todos”. Com isso, no decorrer dos anos, especialistas da educação vêm testando vários métodos com o objetivo de ensinar a ler e escrever por ter inúmeras pessoas que não compreendem o processo de aquisição da leitura e da escrita e se encontra fora da instituição escolar.

De acordo com Emília Ferreiro e Ana Teberosky a situação educacional na América Latina mostra o insucesso escolar da população que incomoda os técnicos educacionais que almejam uma educação melhor para os cidadãos.

Veja tal realidade, analisando a seguinte citação. (FERREIRO e TEBEROSKY 1999, p.18)

Do total da população compreendido entre os 7 e 12 anos, em 1970, 20% encontravam-se fora do sistema educacional.

De toda a população escolarizada, apenas 53% chegam a 4ª série o limiar mínimo é indispensável para uma alfabetização definitiva, ou seja, a metade da população abandona sua educação, sem regressar a escola, ainda no momento muito elementar do ensino fundamental.

2 terços do total de repetentes estão situados nos 1º anos de escolaridade, e em torno de 60% dos alunos ingressos da escola repetiram o ano uma ou mais vezes.

Ao analisar tal situação educacional vê-se que o índice de alunos evadidos ou reprovados nas séries iniciais, principalmente na alfabetização é bem elevado, entretanto a grande necessidade de uma reflexão sobre o processo de ensino ao longo da história, no intuito de compreender os fatores que contribuem com a realidade retratada na citação acima.

De acordo com Teberosky e Ferreiro (1999, p.21) “o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de

métodos”, assim a preocupação de especialistas educacionais tem se atentado para refletir sobre o “melhor” ou “mais eficaz” dos métodos existentes.

Essas questões se deparam com a análise dos métodos sintético e analítico, sendo o primeiro trabalhando em um ensino fragmentado partindo da letra para a sílaba, ou seja, uma leitura de forma descontextualizada priorizando o som e a grafia, enfatizando a mecanização. O método analítico parte da palavra para o todo de forma global, independente da dificuldade auditiva da criança, sendo uma leitura basicamente visual.

A partir da década de 60, surgem mudanças de suma importância sobre o processo da aquisição da linguagem oral do educando, causando uma grande evolução nessa área do conhecimento, porque, até no momento, o estudo realizado com as crianças focalizava o léxico, ou seja, a quantidade e variedade de palavras ditas pelas crianças, sendo as mesmas denominadas de acordo com a classificação adulta. Além de classificarem essas palavras em categorias diferentes e variadas reordenando-as de acordo com as diferenças existentes das crianças (sexo, idade, etc.).

A importância de se resgatar esse tipo de linguagem é necessário para a compreensão do processo de aquisição da leitura e da escrita nas crianças e compreendermos a prática de alfabetização existente antes dos anos 60.

Essas práticas escolares eram pautadas na decodificação² de forma descontextualizada, partindo das letras para a formação de sílabas, de sílabas para a formação de palavras e posteriormente, palavras à formação de textos, acreditando que para desenvolver a aprendizagem da linguagem escrita, esta dependesse da linguagem oral.

Como se vê a discussão sobre as práticas de alfabetização, historicamente, centrou-se nos métodos analíticos e sintéticos.

² Leitura feita de forma silabada, através da descontextualização das palavras a partir de formação de sílabas isoladas.

De acordo com Ferreiro (1985, p 49), o desenvolvimento da psicogênese por ser uma recente descoberta, esses métodos tradicionais desconheciam o processo de aquisição da leitura e da escrita que as crianças passam ao se alfabetizar. Teoria esta defendida pelas autoras como um método que vê a criança como sujeito principal do seu conhecimento, um ser que constrói e reconstrói suas hipóteses de escrita e leitura para chegar a um conceito mais elaborado e convincente para si. Assim, as autoras afirmam que durante a fase do desenvolvimento da escrita as crianças passam por fases que serão discutidas a seguir:

1.2 –NÍVEIS DE ESCRITA.

Ferreiro e Teberosky (1999, p12), afirma que a partir de estudos baseados nas teorias de Piaget, foi possível a descoberta da psicogênese, uma teoria que descobriu as hipóteses de escrita que a criança passa ao se alfabetizar. Todavia suas descobertas sobre processo de alfabetização são de suma importância, pois seu trabalho consiste na compreensão de como a criança percorre, enquanto aprendiz nesse processo. Descobriram a criança como um ser que reinventa a escrita para fazê-la sua, uma técnica de construção efetiva e verdadeira nas concepções que os adultos ignoravam.

Segundo Ferreiro (1985), o fator determinante da aprendizagem é a atividade do próprio aprendiz, ou seja, na interação do sujeito com o objeto de conhecimento, interação esta em que o professor vai desempenhar um papel menos relevante do que destinava o ensino tradicional, uma vez que não lhe cabe mais ensinar, mas criar um ambiente alfabetizador.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), ao descobrir a psicogênese foi possível conhecer o que a criança pensa ao desenvolver a escrita e que nesta construção a criança passa por níveis de aprendizagem, os quais se classificam em:

1.2.1 - ESCRITA PRÉ-SILÁBICA:

NÍVEL 1

Nessa fase, a criança escreve o nome dos objetos proporcional ao nome, ou seja, se o objeto de escrita é de porte pequeno, a escrita é pequena, se o objeto tiver um porte maior a escrita também é maior. Ex: ao pedir para essas crianças escreverem a palavra formiga por ela ser um animal pequeno ela utilizará escritas pequenas e se pedir para escreverem a palavra boi ela a fará com escritas maiores por ser um animal grande, porque, de acordo com as autoras, a escrita das palavras dessas crianças nesta fase se relaciona ao tamanho do objeto.

Neste estágio a criança ainda não tem a noção de sonoridade. As autoras (p.1999), afirmam que nessa hipótese “a correspondência se estabelece entre aspectos quantitáveis do objeto e aspectos quantitáveis da escrita, e não entre aspecto figural do objeto e aspecto figural do escrito”, ou seja, elas não buscam escrever letras com ângulos diferentes para escrever as palavras e, sim, maiores números de grafias, grafias maiores ou maior intensidade do traçado total se o objeto é maior, mais comprido, mais velho ou há uma quantidade maior de objetos solicitados.

A criança nessa hipótese pré-silábica possui dificuldades momentâneas para distinguir as atividades de desenhar e escrever. Ao pedir para que ela escreva o nome de algum objeto, ela encontra como alternativa o desenho, por ela encontrar dificuldades em diferenciar a imagem do texto. Referente a esse pensamento das crianças, Ferreiro e Teberosky (1999, p.200) questionam o verdadeiro sentido que elas dão a esse ato “[...] as crianças usam esse ato como uma “escapatória” à difícil ordem de escrever, ou se o desenhar cumpre, além disso, certa função para a escrita”? De acordo com os dados obtidos pelas autoras em pesquisas, elas acreditam ser a segunda opção a verdadeira, devido às crianças mostrarem que a escrita não fica totalmente alheia a do que “é para ler” e pode funcionar como um complemento textual, como se a escrita por si só não fosse o suficiente para dizer o

que elas queriam, e que seria necessário o desenho para complementar a escrita do nome.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), as crianças nessa fase ainda não conseguem distinguir as letras dos números, independente da escrita ser cursiva ou de imprensa. Assim sendo, quando vão escrever algumas palavras elas apresentam caracteres mesclados, além de não apresentar noção espacial desses caracteres, uma atividade absolutamente normal para a fase em que as crianças se encontram.

Ao fazer a grafia de imprensa, a criança manifesta duas hipóteses sendo: as grafias variadas e com a quantidade constante. Assim, elas acreditam que para escrever uma palavra são necessárias as mesmas letras, mas que é necessário certo número de caracteres para escrevê-las, dependendo do tamanho do objeto que a criança deseja escrever o nome. Mesmo sendo a escrita só de uma palavra ou de uma oração inteira.

NÍVEL 2

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999, p. 202), a hipótese central deste nível é que: “para ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes), deve haver uma diferença objetiva nas escritas”. Nessa fase, os grafismos das crianças estão mais avançados, ou seja, mais parecidos com as letras. E o conceito maior da criança é que faz falta certa quantidade mínima de grafemas para escrever algo e que esses sejam de forma variada, apesar de algumas crianças possuírem formas gráficas limitadas. Neste caso, para a criança responder a suas exigências na escrita ela utiliza as posições das letras de forma linear, ou seja, a criança começa as palavras quase sempre com as mesmas letras e as utilizam em todas as palavras com poucas variações. Assim, as crianças sofrem grandes dificuldades em classificação e ordenação.

Nessa fase a criança possui uma escrita fixa por rejeitar escritas diferentes de seu nome, entretanto, a correspondência entre a escrita e o nome é ainda global e não analisável devido a escrita não corresponder à parte de seu nome, porque para as crianças cada letra é um todo e não tem valor em si mesma. De acordo com

as autoras, as formas de escrita desse nível são equivalentes às escritas do nível anterior, porque possuem quantidade fixa de grafias e a variedade desses caracteres, mas o que os diferencia são os caracteres que nesse nível são mais definidos e as formas gráficas são mais disponíveis. Ao passar por essa fase a criança avança seu nível de conhecimento passando para o seguinte estágio.

1.2.2 ESCRITA SILÁBICA

NÍVEL 3

Ao chegar neste nível de escrita Ferreiro e Teberosky (1999, p. 209), afirmam que a criança já passou pela fase pré silábica e já se depara com novos desafios, começa a dar um novo sentido à escrita, pois este nível “é caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a escrita, [...] cada letra vale por uma sílaba, [...] com esta hipótese a criança dá um salto qualitativo em relação aos níveis precedentes”. Assim sendo, a criança avança da leitura global para uma correspondência entre partes do texto e compreende que a escrita representa partes sonoras da fala.

De acordo com as autoras, a criança pode apresentar duas formas de grafias: “grafias suficientemente diferenciadas e absolutamente surpreendentes”. Apesar de a criança ter grafias diferenciadas, os caracteres são utilizados sem um valor sonoro estável.

Ex: ao escrever a palavra pato, a criança usa uma letra para cada sílaba, mas sem ser as letras que correspondem à sonoridade da palavra.

Há alguns casos de crianças desse nível que começam a fazer a correspondência sonora das palavras voltada para as vogais. E assim, se deparam com um grande conflito ao tentar escrever palavras com as mesmas vogais por não aceitarem a repetição de caracteres.

Ex: Ao pedir para a criança escrever a palavra FADA, pelas correspondências que ela utiliza para escrever, a mesma escreveria, possivelmente, AA, mas por ela já possuir uma variação de caracteres, perceberia que isto seria impossível de acontecer, porque em seu entender não tem cabimento a escrita com duas letras iguais e isso lhe arremete a um conflito que a faz negar-se a escrever a palavra.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999, p. 213), o nível silábico oferece três pontos importantes: Vejamos:

- Reconhecimento de letras individuais, uma das primeiras maneiras estáveis de identificar as consoantes que consiste em outorgar-lhes um valor silábico em função do nome a que pertencem;
- A hipótese silábica é uma construção original da criança que não pode ser atribuída a uma transmissão por parte do adulto;
- Quando passamos da escrita de substantivos para a escrita de orações, a criança pode seguir usando a hipótese silábica, ou passar a outro tipo de análise, mas buscando sempre a unidades menores que compõem a totalidade que se atenta representar por escrito.

Ao superar esses pontos acima a criança avança para outra fase que lhe fará refletir sobre outras questões sobre a escrita, no intuito de superar os desafios que o processo de aquisição da escrita lhe proporciona e, assim, chegar a novas conquistas que a próxima fase lhe exigirá.

1.2.3 - ESCRITA SILÁBICA ALFABÉTICA

NÍVEL 4

Este nível apresenta a passagem da escrita silábica para a alfabética, como afirma Ferreiro e Teberosky (1999, p. 213),

[...] a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá "mais além" da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência da quantidade mínima de grafas [...] e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe impõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica.

Nessa fase, a criança entra em conflito entre a hipótese silábica e as formas fixas do meio ambiente, que se mostra com maior nitidez ao se relacionar com nome próprio. E também se torna mais evidente o conflito da hipótese silábica com a quantidade mínima de caracteres.

A criança, por estar em constante conflito na construção de suas hipóteses, segundo as autoras (ibid, p. 217), elabora duas idéias de suma importância que não abandona com facilidade e percebe “que faz falta certa quantidade de letras para que os nomes sejam lidos e que cada letra representa uma das sílabas que compõe o nome”. A partir desse avanço na escrita a criança avançará o estágio que se encontra para a próxima fase denominada como escrita alfabética.

1.2.4 - ESCRITA ALFABÉTICA

NÍVEL 5

Esta é a última fase que a criança passa para desenvolver a aquisição da escrita e, de acordo com Ferreiro e Teberosky (1999) neste nível a criança já se encontra na escrita alfabética, o qual é considerado o final da construção das hipóteses e que no momento em que a criança alcança esse nível, ela já superou vários conflitos, concebendo a “barreira do código”, ou seja, compreendeu que cada caractere corresponde à sonoridades menores que as sílabas e realiza, ordenadamente, a sonoridade das palavras que vai escrever, o que nos permite dizer que todas as dificuldades já foram superadas por ela. Então, surgem, nessa fase, os conflitos com a ortografia (a identidade de som não garante identidade de letras, nem a identidade de letras a de sons), mas não terá problemas para escrever de forma rigorosa, como afirma Ferreiro e Teberosky (1999 p.231). “Neste nível, a escrita e a leitura operam sobre os princípios alfabéticos e os novos problemas que se apresentam são de índole ortográfica. A leitura de partes dos nomes já não oferece nenhuma dificuldade”.

Ao analisar essas hipóteses de escrita, percebe-se que Ferreiro e Teberosky explicam o processo pelo qual a criança passa ao desenvolver a linguagem escrita, considerando a criança como um ser pensante, ativo, visto não como uma tábua rasa no qual é despejado todo o conhecimento para que ela “absorva” de forma inquestionável, onde o adulto decide o que é fácil e o que é difícil para transmitir ao educando.

Ao refletir sobre os questionamentos aqui abordados, conclui-se que os métodos tradicionais de ensino devem ser revistos e analisados, porque, de acordo com Ferreiro (1985, p.30), os mesmos servem apenas como “sugestões, incitações, quando não práticas rituais ou conjunto de proibições”. Portanto, como vimos o método não cria conhecimentos.

Então, é necessário que questionemos sobre as práticas de alfabetização desenvolvidas nas instituições escolares e a maneira pela qual a escrita se apresenta nesses contextos. Segundo Ferreiro (1985), as práticas escolares existentes nas instituições estão baseadas em metodologias pedagógicas que apresentam certos modos de ver o processo de aprendizagem e o objeto de conhecimento: a linguagem. E essas práticas podem aparecer como “normais” ou “aberrantes” dependendo da forma que a mesma considera o processo que a criança passa ao desenvolver a aprendizagem. Vejamos algumas práticas escolares existentes nas escolas: (Ferreiro, 1985, pp. 30, 31)

Há práticas que levam a criança à convicção de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só se pode obter da boca dos outros, sem nunca ser participante na construção do conhecimento. Há práticas que levam a pensar que “o que existe para se conhecer” já foi estabelecido, com um conjunto de coisas fechado, sagrado, imutável e não-modificável. Há práticas que levam a que o sujeito (a criança neste caso) fique de “fora” do conhecimento como espectador passivo ou receptor mecânico sem nunca encontrar respostas aos “porquês” e aos “para quês” que já nem sequer se atreve a formular em voz alta.

Ferreiro (1985), afirma ainda que:

o sucesso da alfabetização depende do método de ensino adotado pela escola e o estado de maturidade ou prontidão da criança. Com isso, acresce-se a esses fatores a desmotivação dos professores em consequência da política econômica aplicada à educação nas últimas décadas e que, somadas às anteriores, contribuem para o fracasso do desenvolvimento do aluno.

Diante de tal realidade percebe-se que é necessária a superação desses problemas, pois por muito tempo acreditou-se que para os alunos aprenderem a ler e a escrever, era necessário o treino da coordenação motora, discriminação visual e auditiva, da noção de lateralidade, além da memorização de letras e sílabas. Sabe-se que os métodos propõem uma seqüência de passos pré-determinados pelo adulto, e muitas vezes os alunos não compreendem o sentido do que fazem.

O ensino pautado nessa crença não tem dado conta de 40% a 50% das crianças no período de alfabetização. Se o trabalho com métodos dá resultados, por que temos tantos adultos analfabetos? E, em contrapartida, como se justifica que crianças que nunca foram à escola se alfabetizem, sem terem passado por um ensino pautado numa seqüência de passos?

De acordo com Ferreiro (1985), a alfabetização é um processo de construção de hipóteses sobre o funcionamento do sistema alfabético da escrita. Para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa participar de situações que colocam a necessidade de refletir, transformando informações em conhecimento próprio e enfrentando desafios, utilizando textos reais, como listas, poemas, bilhetes, receitas, contos, piadas etc. Assim, os professores descobrem que ler é muito mais do que decodificar, e por isso tratam seus alunos como leitores plenos antes de estarem alfabetizados.

Diante de tal abordagem, vê-se a necessidade de se reverter um ensino centrado em procedimentos mecânicos, desprovidos de significados para o aluno. Há urgência em reformular objetivos, rever conteúdos e buscar metodologias

compatíveis com a formação que hoje a sociedade reclama. Poderemos refletir sobre essa questão, conforme a declaração a seguir: (KLEIMAN, 2004, p. 65)

É comum afirmar que as crianças não gostam de ler e não compreende o que lê. Culpamos os interesses e hábitos diferentes das crianças, mas poucas vezes questionamos o papel do modelo de aprendizagem ao qual aderimos enquanto contribuídores a essas insuficiências. Treinamos a criança desde os primeiros momentos da alfabetização, na associação mecanicista de sons com letras, sílabas, palavras e frases simples, aguardando o momento em que ela dará um passo direção da compreensão de unidades maiores do que a sentença. Consideramos esse passo, portanto como um aumento quantitativo da capacidade de leitura da criança, ignorando as diferenças qualitativas que existem entre a decodificação e a compreensão.

Ao falar que a criança não gosta de ler e escrever, temos que rever as práticas educativas dos professores, avaliarem os métodos aplicados nas escolas, analisar os conteúdos a serem ministrados, Só a partir dessa auto – reflexão tem o direito de criticar sobre o que as crianças gostam e não gostam de ler, pois ao proporcionarmos um ensino totalmente fora de sua realidade estamos contribuindo para o cansaço e desmotivação do discente. Por isso, é importante valorizarmos o que eles já sabem.

Diante disso, é necessário que o educador tenha uma formação de qualidade que lhe dê subsídios para orientar os alunos, proporcionando-lhes um ensino que os valorizem enquanto sujeito ativo e reflexivo diante de suas ações. De acordo com Ferreiro (2003, p. 32):

[...] a aprendizagem da leitura e da escrita não se dá espontaneamente; ao contrário, exige uma ação deliberada do professor e, portanto, uma qualificação de quem ensina. Exige planejamento e decisões a respeito do tipo, frequência, diversidade, sequência das atividades de aprendizagem. Mas essas decisões são tomadas em função do que se considera como papel do aluno e do professor nesse processo; por exemplo, as experiências que a criança teve ou não em relação à leitura e à escrita. Incluem, também, os critérios que definem o estar alfabetizado no contexto de uma cultura.

Ferreiro oferece-nos um instrumental de possibilidades de ver a criança no seu processo de aquisição da escrita, de verificar o que ela sabe e o que ela não sabe, pois diante do que ela ainda não sabe, dá base para que o professor descubra como elaborar atividades para desenvolver a aprendizagem do educando. E a escola por não ver o aluno como um ser reflexivo e hábil a se desenvolver a partir da troca de experiência, da participação ativa nesse processo, torna esse conhecimento enfadonho e totalmente alheio a uma produção construtiva. Analisaremos tal situação a partir do ponto de vista de Smolka, (2003, p.76)

A escola não concebe a possibilidade desta escrita e as próprias crianças desconhecem sua capacidade de elaboração, pois inibem suas tentativas, baseadas, que estão nas restrições-implícitas ou explícitas - dos adultos. De modo geral, a escola não tem considerado a alfabetização como um processo de interação, um processo discursivo, dialógico. Com isso a escola reduz a dimensão da linguagem, limita as possibilidades da escritura, restringe os espaços de elaboração e interlocução pela imposição de um só modo de fazer e dizer as coisas.

As instituições escolares, por não possuírem uma identidade própria, se apossam de modelos curriculares de práticas escolares de outras realidades, às vezes, até importadas de outros países e associam à sua prática escolar. Nessa incorporação de currículos, há programas que deveriam propor reflexão sobre a própria língua, porém na realidade é meramente uma limitação de treinamento e técnicas de agrupamento que desrespeitam as estratégias que a criança utiliza no reconhecimento do processamento das unidades significativas do discurso oral. No entanto, percebe-se que é inevitável uma reformulação nas ações pedagógicas, adequando-as à realidade do aluno, como podemos ver na citação abaixo: (ALVES, apud. KLEIN, 2001, p.30).

Muita coisa precisa ser feita na busca, que necessariamente precisa ser coletiva, para se atingir uma ação pedagógica melhor tecnicamente e mais acertada politicamente, que garanta o acesso e a permanência, na escola, das camadas populares, até hoje alijadas vergonhosamente em nosso país, do acesso ao saber universal clássico.

A descoberta da psicogênese da escrita pelas pesquisadoras, Ferreiro e Teberosky propicia aos professores compreender o processo que os alunos passam para desenvolver a leitura e a escrita. Assim, é necessário que as ações pedagógicas se apropriem desses conhecimentos para proporcionar desafios para todos os profissionais da educação que atuam direta ou indiretamente nas classes de alfabetização.

Fala-se muito que é preciso mudar os sistemas educacionais em vigor no país, mas pouco, realmente, se tem feito para apresentar soluções imediatas, principalmente no que se refere ao fracasso escolar nas séries iniciais mais precisamente na alfabetização.

No tópico acima foi discutido a realidade educacional de forma geral, a seguir será analisado como acontece o processo educacional no município de Ourilândia do Norte.

1.3 - A Educação no Município de Ourilândia do Norte

Ao pesquisar sobre o processo educacional no referido município percebe-se que uma educação construtivista sustentada por pressupostos teóricos de Piaget e Vygotsky, a qual apresenta um ensino sócio-interacionista, defendida pelos mesmos como uma educação que valoriza o ser humano na sua individualidade e que propõe um desenvolvimento baseado na interação do sujeito com o meio. Tal proposta se evidencia nos Projetos Político Pedagógicos na maioria das escolas do município, uma vez que o mesmo foi elaborado por exigências burocráticas da SEMEC³, com a participação mínima dos professores, dos alunos e da comunidade escolar.

Como a participação dos professores na construção do PPP é mínima, os mesmos ficam alheios as suas propostas e de seu teor contextual significativo. E por

³ - Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

haver falta de integração na elaboração dos objetivos das escolas e somente alguns professores conhecerem tais objetivos, a tendência é que outros professores possam não se identificar com elas e se sentirem como corpos estranhos, contribuindo para a sua desagregação enquanto organização, provocando a desmotivação generalizada, acarretando um grande índice de crianças reprovadas e/ou evadidas no processo educacional.

Apesar de não ter feito uma pesquisa que comprovasse os métodos utilizados nas escolas do município, o que se percebe é uma prática baseada no construtivismo aplicada por uma minoria de docentes que acredita ser o necessário para uma educação de qualidade, mesmo não tendo o domínio da teoria. Assim, oscilam entre métodos tradicionais e construtivistas. Enquanto que a maioria dos professores trabalha de forma totalmente mecânica e fragmentada proporcionando ao aluno um ensino enfadonho totalmente desvinculado de sua realidade.

O município se preocupa com a educação, pois oferece a formação superior de seus educadores e outros cursos de formação continuada, porém os mesmos não atendem suficientemente a demanda para que se produza uma boa alfabetização, pois os professores possuem poucos conhecimentos no campo de ensino da leitura e da escrita.

A educação em Ourilândia, como em outras cidades, deixa a desejar, pois a falta de um investimento maior nesta área prejudica o processo ensino - aprendizagem em turmas de alfabetização.

Além desses fatores que interferem na educação, observa-se que a maioria dos professores se mostra sem compromisso com o ensino, não pondo em prática o que vê nas formações continuadas, muitas vezes por não acreditar no construtivismo como um método "eficaz" e, outras vezes, por não apostar muito no "novo", já que a exigência dele requer bastante esforço, como ressalta Souza (2002, p. 99).

Parece que o novo é visto sempre como ameaçador, como usurpador da identidade docente, quando na verdade, deveria ser entendido como possibilidade efetiva de implantação de práticas pedagógicas mais coerentes com a necessidade dos alunos.

O professor por não optar por um trabalho que visa uma prática pedagógica que atenda as reais necessidades do educando, continua preso a métodos tradicionais em que só ele fala, enquanto que os alunos apenas ouvem e copiam. A maioria dos professores que não renova a sua prática vê a educação como “uma salvação” diante das necessidades para a sua sobrevivência, já que são escassas outras oportunidades de emprego e ela ser a fonte de renda principal do município.

Na presente realidade as pessoas vêem a educação como uma fonte de renda capaz de sanar suas necessidades financeiras. E essa visão de educação apenas como um fim único de fonte de renda arremete os professores a um trabalho sem compromisso e sem amor à profissão o que certamente é incisivo na má formação de seus alunos e reforço da repetência e do fracasso escolar no município. Portanto ao discorrer sobre a educação no município vê-se a necessidade de relatar sobre a formação dos professores para a obtenção de uma educação de qualidade.

1.4 - Formação de Professores

A formação de professores é de suma importância para que o ensino-aprendizagem se dá de forma satisfatória, pois é sabido que essa formação é um dos quesitos necessário para que a educação se qualifique, principalmente, para um município que visa uma educação que prioriza um método que proporciona a construção e o desenvolvimento pleno do aluno em todos os seus aspectos, e que, sobretudo, requer uma qualidade educacional, igualdade de condições para acesso permanência na escola, gestões democráticas, liberdade e valorização dos profissionais da educação. Mas, para isso, é mister a criação de mecanismos dentro do município, que objetivem a busca do conhecimento por meio da construção de um pensamento contemporâneo que sirva de instrumento para o professor se qualificar e, por conseguinte, melhorar a sua prática pedagógica para que o ensino seja mais dinâmico na formação do saber consciente através de suas reflexões e não estancado a um simples ato mecânico. Veja Veiga e Carvalho (1994, p.51).

O reforço a valorização dos professores da educação, garantindo-lhes o direito ao aperfeiçoamento profissional permanente, significa valorizar a experiência e o conhecimento que os professores tem a partir de sua prática pedagógica.

Sabe-se que repensar a prática pedagógica é fundamental para o educador. Haja vista, que sua tarefa de educar e formar cidadãos requer uma postura não de mero transmissor de conhecimento, mas de um professor-pesquisador que tenha um vasto conhecimento de mundo e, sobretudo, tenha clareza das finalidades de sua escola.

Dessa forma é necessário um compromisso governamental que tenha utopias a realizar, valorizando seus profissionais da educação, dando-lhes condições de trabalho para melhorar o processo de ensino aprendizagem no município e contribuindo para a formação de um profissional que execute o seu papel de cidadão, e parta de uma visão fragmentada de educação, ou seja, de um ensino reprodutor da ideologia dominante para uma ideologia que vê o homem como um ser ativo que constrói e organiza o seu próprio conhecimento de forma cada vez mais elaborada.

Percebe-se que os recursos destinados às instituições escolares não são suficientes para sanar as demandas necessárias à educação, assim, os alunos continuam tendo uma educação precária, baseada em teorias tradicionais, mecânicas em que eles são vistos como depósitos de informações e o professor como transmissor desses conhecimentos prontos e acabados.

Essa educação tradicional não permite que o professor conheça a importância da valorização da realidade em que o aluno está inserido e desenvolva um trabalho eficaz acerca dela e que proporcione ao educador um contato maior com teóricos que visam uma outra perspectiva de educação, ou seja, um ensino que valoriza o ser humano como alguém capaz, que considera os seus conhecimentos prévios e que objetive ampliá-los para que o educando se torne mais consciente de suas ações.

Mediante a necessidade de estudos referentes ao conhecimento pleno do aluno, vê-se a importância de se ter como indicativos para leitura, teóricos que compreendem o psiquismo humano como Piaget, Vygotsky, Ferreiro e outros.

Teóricos estes que propõem o respeito às diferenças individuais das crianças, compreendem os fatores que causam as diferenças na aprendizagem e o processo pelo qual a criança passa para desenvolver a leitura e a escrita. No entanto, percebe-se que o professor por não possuir esse conhecimento o fracasso escolar evidencia-se com mais vigor.

Então, vê-se a necessidade de uma nova visão sobre a formação continuada, saindo de uma visão desvinculada da real necessidade do professor para uma formação que vá atrás de sua verdadeira ansiedade e dúvidas. Todavia é necessário que os agentes organizadores dessa formação entrevistem o professorado e revejam com ele as pautas a serem debatidas nos cursos, com o intuito de propor algo que o oriente a refletir sobre a sua prática cotidiana, como afirmam Teberosky e Cardoso (1993, p. 52)

Devemos encontrar novas saídas para o esquema tradicional de formações do professor é uma necessidade importante para todos aqueles que desejam o melhorar a qualidade do ensino... A pesquisa tem conseguido afetar talvez, e até certo ponto, a formação inicial dos professores, mas não a maneira como estes ensinam em suas classes. Com esse objetivo, acreditamos ser válida a proposta de criar uma situação na qual os professores tenham a oportunidade de poder consultar ou recorrer a alguém na hora de refletir sobre sua prática.

Os responsáveis pela organização das formações continuadas devem perceber a importância de rever suas práticas e procurar um estudo que proporcione ao professor uma reflexão acerca dos problemas do cotidiano na sala de aula, o professor continuará estancado a uma prática de ensino tradicional e com poucas perspectivas para uma educação transformadora correspondente aos anseios da sociedade. Podemos analisar tal situação refletindo sobre as falas de TEBEROSKY e CARDOSO (1993, PP. 52, 53).

Não podemos esperar dos professores uma atuação ótima se não contarmos com duas condições de trabalho: uma infra-estrutura que facilita essa atuação e uma equipe de trabalho que assegura o intercâmbio de conhecimentos e idéias entre os próprios professores. Acreditamos que o papel do técnico que se responsabiliza pela formação dos professores e o de fazer ponte entre os conhecimentos oferecidos pelos pesquisadores e os problemas práticos com os quais se deparam os professores, ainda que sejam mundos muito distantes um do outro, com diferenças até de natureza lingüística.

Segundo Teberosky e Cardoso (1993, p.53), para se obter uma formação continuada que atenda realmente a verdadeira necessidade do professor é necessário considerar os seguintes questionamentos:

- 1- O que é novidade para o professor?
- 2- Quem constituiu a audiência da pesquisa em educação?
- 3- Das descobertas feitas através das pesquisas quais são significativas para o professor?
- 4- Quais são as formas mais úteis e eficazes de compartilhar com os professores as conquistas das pesquisas.
- 5- Qual deve ser, então, a atuação do professor: transformar-se em pesquisador? Ajudar o pesquisador na coleta de dados? Ou aplicar na prática as conclusões e resultados obtidos através da pesquisa?

Teberosky e Cardoso (1993, p. 53), afirmam ainda que:

[...] mas que transforma-lo em pesquisador, o que deve ser feito é encontrar situações que permitam uma troca de conhecimentos e seus aproveitamentos, de tal maneira que constituam uma melhoria efetiva no ensino.

Em suma, constata-se que para se ter uma formação condizente com as reais necessidades sócio-educacionais é imprescindível que ela seja elaborada a partir dos anseios dos educadores e inerente à sua prática habitual em sala de aula. Desta forma, vale salientar que para que a educação tenha professores

competentes e com formação qualificada, a importância de rever os cursos de formação oferecidos a eles é extremamente relevante.

2- O FRACASSO ESCOLAR NA ALFABETIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DE ALGUNS AUTORES.

2.1 - O Que a Escola Ensina?

Ao fazer uma retrospectiva na vida dos alunos percebe-se que o que a escola ensina não corresponde às expectativas necessárias à exigência mundial, visto que a criança passa oito anos no Ensino Fundamental, mais quatro anos no Ensino Médio e quando sai não está “preparada” para atuar no mercado de trabalho, o que nos permite depreender que todo esse tempo de estudos não foi suficiente para lhe inserir neste contexto. Entretanto, isto nos leva a reflexão em torno dos seguintes questionamentos:

O que será que está acontecendo com a educação? Por que tantos anos de estudo não são suficientes para preparar o aluno pelo menos para o mercado de trabalho? O que o aluno fez durante tantos anos na escola? O que será que a escola está fazendo para mudar essa realidade? Será que é de interesse para os técnicos educacionais que essa realidade mude?

Para responder a essas indagações é necessário que seja feito uma análise crítica sobre os métodos de ensino utilizados nas escolas públicas para verificar se o ensino destinado às crianças é condizente com a realidade dos educandos.

2.2 - Metodologia aplicada na escola.

A escola vem sendo historicamente privilégio da classe dominante, pois de acordo com os dados obtidos em pesquisas, essa classe detinha o poder do conhecimento para dominar as classes menos favorecidas, sabendo que o acesso ao saber garantia-lhe mais poder. No entanto, ao avaliarmos a escola como instituição social vê-se que ela selecionava a sua clientela, por conseguinte quem freqüentava tais instituições eram filósofos, religiosos e burgueses.

No decorrer dos tempos, as classes menos favorecidas começaram a conquistar o direito de estudar. Mas será que esse estudo destinado à classe subalterna satisfaz a demanda exigida para que se tenha um ensino de qualidade para todos?

De acordo com Cagliari (1992, 12), ter escolas para toda a população não quer dizer que esta seja de qualidade, no entanto não é de interesse governamental que todos tenham acesso a uma educação comprometida com as classes populares e seus anseios. É válido lembrar que, uma educação que propicia ao educando uma reflexão sobre a sua ação, ameaça à classe dominante. E esses por não quererem perder o poder de domínio, não priorizam o processo educacional. E somos cientes que essa dominação vem acontecendo desde a antiguidade, e não é agora que essa classe quer igualdade de conhecimento. Podemos ver tal situação ao compararmos as escolas públicas e as privadas. Pois o que vemos é uma realidade totalmente diferente.

Na escola pública as salas de aula são superlotadas, os professores são mal remunerados, os prédios são precários, as salas com péssima iluminação, pouco arejadas, etc. Enquanto que as escolas privadas possuidoras de prédios bem estruturados são tidas como modelos educacionais por pertencerem a pessoas com alto poder executivo, tendo um melhor atendimento graças a um número menor de alunos em sala, bons materiais pedagógicos, etc.

Os alunos que freqüentam essas escolas provêm de uma classe social privilegiada, pois estas têm um custo que não condizem com a realidade da maioria

das pessoas. Por conseguinte, as escolas públicas são para crianças das classes pobres, nesse sentido, não há tanto interesse governamental em investimentos nessas instituições.

Ao analisar a escola atual vemos que o ensino continua sendo desenvolvido de forma aleatória, obtendo assim, a ideologia de seus pregadores. Nesse sentido suas propostas curriculares estão sendo impostas às instituições escolares por pessoas que não conhecem a realidade da comunidade escolar. E assim, o ensino e a aprendizagem tornam-se alheios a necessidade do educando. Em decorrência desses fatores a linguagem utilizada na escola é de forma padrão⁴, não atendendo as diversidades culturais dos educandos.

De acordo com Souza (2002, p.102), a escola para atender a diversidade na escola precisa:

[...] compreender as especificidades da educação, sobretudo ao que concerne à sua função social e promover o desenvolvimento e a transformação dos alunos, rumo ao aprimoramento do exercício da cidadania, no que se refere ao gozo de seus direitos e deveres.

Assim, por os agentes educacionais não compreenderem esses quesitos necessários a educação como afirma a autora o fracasso escolar se dá de forma espantosa porque as instituições escolares não trabalham vendo o aluno como um ser individual, trabalha seus educandos de forma homogênea, não respeitando a heterogeneidade existente em sala, porém a tendência dos alunos fracassarem é bem considerável.

Ao analisar os fatores responsáveis pelo fracasso escolar nas escolas Cagliari (1992, p. 13), afirma que:

Uma das causas do fracasso escolar é a incompetência técnica, porque, quem orienta a educação (escolar, de formação, secretários de educação,

⁴ - Linguagem padrão: é a linguagem considerada pela escola de forma padronizada (linguagem formal), sem considerar as diferenças culturais, étnicas, sociais e econômicas dos alunos. Extraído dos PCNs (2001 p..31).

autores de livros didáticos, professores) não sabem ensinar devidamente porque desconhecem muitos aspectos básicos da fala, da escrita e da leitura. Evidentemente não basta a formação técnica lingüística para se ter automaticamente um processo didático. Mas é certa que sem o conhecimento competente da realidade lingüística, compreendida no processo de alfabetização é impossível qualquer didática, metodologia ou solução de outra ordem.

De acordo com o autor os técnicos educacionais por não estarem no cotidiano escolar são um dos culpados pela má educação do país e responsáveis por alguns fracassos escolares, haja vista que os mesmos não são conhecedores das reais necessidades dos alunos e assim as propostas de trabalho elaborado por eles não estão condizentes com a realidade educacional.

Segundo o autor, nem mesmo os professores dominam os conhecimentos necessários que a criança passa ao desenvolver a linguagem oral e escrita. Sobre esta questão penso que o professor por estar em contato direto com o aluno, deve ir em busca de novos conhecimentos para desenvolver o processo ensino aprendizagem, pois é sabido que é necessário que ele compreenda o processo que a criança passa para desenvolver a leitura e a escrita para intervir de forma consciente e eficaz.

Segundo Cagliari (1992, p.13), o processo de alfabetização inclui muitos fatores, e quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como evolui o seu processo de interação social, da natureza, da realidade lingüística, envolvida no momento em que está acontecendo à alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem sem o sofrimento habitual.

Ao analisar as palavras do autor percebe-se que é relevante que o professor conheça e compreenda o processo pelo qual a criança passa ao se desenvolver, pois a partir desse conhecimento o trabalho do professor se torna mais completo, porque ele trabalhará consciente de suas ações, "do que" trabalhar e "como" trabalhar, respeitando as fases que a criança passa para se alfabetizar e

contribuindo com seu desenvolvimento, sendo um incentivador, um orientador desse processo. Assim, pode-se afirmar que um professor conhecedor do processo educacional em todas as suas instâncias, possui a autonomia de rever a sua prática, estando consciente para selecionar seus conteúdos, métodos, técnicas, buscando rumos e os ritmos que considerar mais adequado à sua turma, rompendo de vez com qualquer modelo preestabelecido para a instituição escolar.

Esses modelos impostos nas escolas são de caráter elitista, com o objeto de manipular a classe dominada e ter o controle total dos indivíduos para permanecerem no poder, ditando as regras para as classes menos favorecidas.

Frente a esta situação, a escola tem gerado o fracasso escolar, pois a cada ano que passa, percebe-se um grande índice de evasão e reprovação, principalmente, no que se refere, em específico, à alfabetização.

A escola não estabelece as mesmas condições de ensino a toda a sua clientela, assim fica com um caráter de variados instrumentos. Vejamos a seguir: (CAGLIARI, 1992, p.11).

[...] não é a toa que a um alto índice de reprovação no final da 1ª série: cerca de 50% [...] a exclusão vai reduzindo o número de turmas. Essa questão da seletividade precisa ficar bem clara: a escola manipula através do saber a posição social dos que por ela passam.

Como se sabe a educação na escola pública não é tida como prioridade de governo. Se os interesses de nossos representantes políticos fossem em prol da educação, propiciariam uma educação que visasse o melhoramento de vida de seu povo, dedicar-se-ia mais em recursos destinados a qualificação de professores, a compra de recursos didáticos, permanentes, etc.

Mas para isso seria necessário que esses governantes vissem a educação como um processo que dignifica o homem, por lhe permitir uma consciência maior de mundo. Além disso, deveriam ver o ensino como fonte principal para o crescimento da sociedade. Contudo, sabemos que para os

governantes não interessa a formação crítica e consciente da sociedade, então eles tomam a dianteira, controlam as diretrizes da escola, a manipulam o máximo possível para inculcar as suas ideologias e manter a classe menos favorecida sob seu controle. Pois como afirma Cagliari, (1992, p.13) “para muitos não importa se a educação anda mal, o que importa é que ela esteja no ar [...] não importando qual o programa”.

A metodologia aplicada pelos professores de alfabetização, na maioria das escolas do país, é baseada e/ou plagiadas de currículos de outras realidades, assim o professor não considera os conhecimentos que os alunos já possuem e fica preso a manuais e livros didáticos que ditam cada passo do seu trabalho, desta forma, a aprendizagem se faz sem motivação e de forma descontextualizada, a qual para ser realizada os alunos precisam estudar letra por letra para formar sílabas, palavras e, posteriormente, formar frases, ministrando um ensino totalmente desvinculado do contexto de vida do aluno, trabalhando de forma fragmentada e isolada. Um ensino totalmente mecânico e sem sentido para o aluno, devido a escola fornecer um ensino voltado para a fonetização o que torna o aluno cada vez mais alienado ao processo e propício ao fracasso escolar.

Esse ensino fragmentado e mecânico é uma forma de privar o aluno do verdadeiro conhecimento, tornando a alfabetização um verdadeiro faz de conta: “os professores fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem”. (grifo meu)

1.7 - Relações de Ensino na Sala de Aula.

Movida pela necessidade de procurar o que é relevante e significativo para um ensino que trabalhe a diversidade dos métodos, as diferenças de práticas, variedades de técnicas, dificuldade das condições de trabalho do professor, mergulhei-me na busca de uma teoria que explicasse essas dificuldades encontradas nas escolas e o que fazer diante delas na tentativa de amenizar o fracasso escolar no município.

Segundo Smolka (2003, pp. 29,30), essas preocupações escolares podem ser refletidas a partir da teoria da Enunciação⁵ e análise do discurso nas considerações pedagógicas. A autora afirma essa ser uma teoria que implica na leitura e na escrita e que todo o processo de aquisição do conhecimento se dá de forma discursiva promovendo a interlocução e a interação entre os envolvidos no processo da alfabetização.

A análise do discurso proporciona, segundo Smolka (2003, p, 30), "uma análise dos elementos e das discussões da teoria de Enunciação".

A partir da reflexão sobre os princípios teóricos e metodológicos é possível repensar as ações pedagógicas, o processo da alfabetização analisado em seu contexto educacional no cotidiano escolar.

Smolka (2003), em alusão a obra de Orlandi "Para quem é o discurso pedagógico" (1983) afirma que é possível obter uma pista sobre o recorte metodológico para realizar uma análise do percurso estrito da comunicação pedagógica. Podendo ser discutido a função de ensinar do ponto de vista do professor e da escola, apontando a equivalência ensino/inculcação e a ilusão do professor.

Assim, de acordo com a autora, Pêcheux fala sobre todo esse processo discursivo partindo do emissor (professor) para o receptor (aluno), afirmando que o mesmo tem que repensar sua prática, analisando e/ou questionando seus objetivos, refletindo sobre o sujeito a quem vai ensinar, sobre o que o outro vai pensar, quem é esse outro que ele fala, qual a sua maneira de aprendizagem, qual é o lugar do professor e do aluno na escola, quais seus sonhos, seus ideais, perspectivas de vida, etc.

⁵ Teoria de Enunciação (Bakhtin apud. Smolka 2003) Aponta para a consideração do fenômeno social da interação verbal nas suas formas orais e escritas, procurando situar essas formas em relação às condições concretas de vida, levando em conta o processo de evolução da língua, isto é, sua elaboração e transformação sócio histórica.

O professor que é o emissor deve buscar a resposta para várias indagações que venham ter e analisar criticamente suas práticas, refletindo sobre a mesma.

De acordo com Smolka (2003, p.56), na relação professor/aluno vê-se a ilusão do professor em pensar ser o dono do saber e o aluno a pessoa que recebe esse pronto. Assim sendo, é necessário analisar a tarefa do professor e a relação de ensino baseada na troca de conhecimentos.

Ao discutir sobre essas relações de ensino, vê-se a construção do conhecimento através das interações pessoais, enquanto que a tarefa de ensinar se constitui pela escola, virando profissão. A tarefa de ensinar se dá de forma organizada e é imposta socialmente distorcendo a relação entre os sujeitos, assim a tarefa rompe a relação e produz a ilusão.

Como se vê nas escolas o ensino possui características lineares, unilaterais, estáticas, isso porque o professor se coloca como o "sabe tudo", se apossando dos conhecimentos e agindo como se fosse o único detentor desse conhecimento, se tornando o dono do saber, não permitindo aos alunos uma participação ativa nesse processo de transmissão de saberes.

A relação professor-aluno na educação tradicional se dá de forma vertical e autoritária já que o professor detém o poder decisório sobre a ação do aluno e de sua forma de agir diante das situações e ações por ele executadas.

As relações que se exercem na sala de aula são feitas longitudinalmente em função do mestre e do seu comando; predominando a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impedem qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula. O professor transmite o conteúdo na forma de verdade a ser absorvida; em consequência, a disciplina é imposta e, por isso mesmo, entende-se que o silêncio e a atenção são mais eficazes para a transmissão e absorção desse conteúdo.

Ao professor compete informar e conduzir seus alunos em direção a objetivos que lhes é externo, por serem escolhidos pela escola e/ou pela sociedade em que vive não pelos sujeitos do processo. Assim ele detém os meios coletivos de

expressão e as relações que se exercem na sala de aula são feitas longitudinalmente, em função do mestre e de seu comando. A maior parte dos exercícios de controle e dos de exames orienta-se para a reiteração dos dados e informações anteriormente fornecidos pelos manuais ou pelos apontamentos dos cursos.

Segundo Smolka (2003, p. 57), o papel do professor está intimamente ligado à transição de certo conteúdo que é predefinido e que constitui o próprio fim da existência escolar. Pede-se ao aluno a repetição automática dos dados que a escola forneceu ou a exploração racional. Num tipo mais extremado, as relações sociais são quase que praticamente suprimidas e a classe, como consequência, permanece intelectual e afetivamente dependente do professor. O professor exerce, aqui, o papel de mediador entre cada aluno e os modelos culturais. A relação predominante é professor-aluno (individual), consistindo a classe, nessa perspectiva, apenas justaposição dessas relações duais, sendo essas relações, na maioria das vezes, paralelas, inexistindo a constituição de grupo onde haja interação entre os alunos.

O espaço da sala de aula se torna monopolizado pelo professor, predominando o seu discurso e impondo-se diante dos demais. Diante dessa realidade educacional surge a idéia de que o conhecimento se dá na escola e quem não vai a ela não possui conhecimentos.

Com essa filosofia, Smolka aponta a ilusão que comete o professor por se achar o dono do conhecimento e acreditar que o aluno só aprende se o professor ensinar. Essa ilusão se aprofunda no momento em que o professor ensina sem a consciência do que está implícito na sua tarefa, na sua prática escolar. De acordo com a autora, a ilusão do professor se dá pelo ocultamento de vários aspectos cruciais na vida escolar, no processo de convivência, na interação e relação com os alunos, pais, colegas de trabalho, etc. No entanto a ilusão do professor é decorrente de sua falta de conhecimento e posicionamento crítico diante de seu papel como educador e não conhecedor de suas funções como professor e como agente de transformação do processo educacional.

Assim, a leitura e a escrita produzida na escola nada têm a ver com as experiências de vida e de linguagem das crianças, pois o professor não leva em conta o processo de construção, interação e interlocução das crianças, as necessidades e as atuais condições de vida delas fora da instituição escolar.

Essas considerações levam a reflexão sobre como o professor pode facilitar a interação criativa e não submissa do indivíduo com o mundo. Para isso precisa contribuir para ativar, ampliar e explorar o espaço potencial da criança e ajudar a constituí-lo, se for preciso. Também deve apresentar ao seu aluno o conhecimento historicamente acumulado, considerado relevante pela escola, no momento certo e da forma adequada. O professor precisa se preocupar em receber seu aluno, especialmente no início do processo de escolarização e em outras etapas críticas, de forma sensível, preocupado em conhecê-lo melhor e facilitar a transição (passagem e não adaptação, submissão e ajuste) da cultura escolar.

Mais do que procurar transmitir conteúdos, impor regras, ajustar a criança à lei da escola, é preciso saber quem é cada aluno, de onde ele vem qual seu ritmo, seu estilo, suas crenças, seus valores, seus hábitos, suas necessidades e concepções, o que já sabe como construiu esse saber, como o utiliza, onde e como utilizará a cultura escolar. Enfim, olhar para o aluno como um ser humano e não como coisa, para que a relação professor-aluno venha ser de forma horizontal e não vertical. De acordo com Davis e Oliveira (1994, p.90), "Nesse processo, mestre e aprendizes se respeitam como pessoas, como sujeitos únicos que possuem experiências diversas dentro de uma mesma cultura".

Educador e educando se constituem em sujeitos do ato de conhecer e a aprendizagem e o conhecimento resultam de trocas que se estabelecem na interação com o meio e o sujeito, tendo o professor como mediador. Então a relação pedagógica consiste no proveniente das condições em que professores e alunos se integrem para fazer progredir essas trocas.

O papel do professor deve ser insubstituível, mas acentua-se também a participação do aluno no processo que com sua experiência imediata num contexto cultural, participa na busca da verdade, ao confrontá-la com os conteúdos e

modelos, expressos do professor. Assim, um professor que esteja engajado numa prática transformadora procura desmistificar e questionar com o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e a cultura deste, criando condições para que cada um deles analise o seu contexto e produza a sua cultura. Neste caso, cabe ao professor proporcionar ao aluno momentos de reflexão que conduzam ao aprofundamento da consciência da situação problemática apresentada em vista à sua superação. Logo, ele precisa desenvolver sua aula em torno de um objeto de conhecimento que mediado por ele assume o papel de elo de ligação desse conhecimento com o aluno. Nesse sentido, segundo Davis e Oliveira (1994, p.90) cabe ao professor:

Conhecer de perto os seus alunos para estar familiarizado com os modos através dos quais eles se relacionam. Conhecendo bem os pensamentos dos alunos, ele está em posição de organizar a situação de aprendizagem e, sobretudo, interagir com eles, ajudando-os a elaborar hipóteses pertinentes a respeito do conteúdo em pauta, por meio de constante questionamento das mesmas. Com isso, os alunos podem pouco a pouco elaborar conceitos e noções.

Para que isso seja possível de acontecer, é importante que o professor dialogue com seus alunos lhes chamando a atenção para outros pontos menos claros, mais ingênuos, problematizando-os sempre. Porque é no diálogo e na participação ativa que o aluno desenvolve seu raciocínio, toma posicionamento, dá opiniões, aceita opiniões dos colegas, liberta-se da consciência ingênua em prol da consciência crítica.

Essa relação dialógica professor-aluno pressupõe o envolvimento dos participantes e requer uma atitude aberta de compreensão do homem, de análise e crítica constante. O professor tem uma ação dinamizadora impulsionando a ação do aluno individual e coletivamente. Seu relacionamento com o aluno o leva a desenvolver modelos de intervenção mútua, quando são despertados, o respeito dos outros, os esforços coletivos, a autonomia nas decisões, a responsabilidade compartilhada e a solução dos problemas.

Segundo Smolka (2003), A relação professor aluno deve ser uma troca de experiências e para que o processo educacional seja real é necessário que o educador se torne educando e o educando, por sua vez, educador. Quando esta relação não se efetiva, não há educação. O homem assumirá a posição de sujeito de sua própria educação e, para que isto ocorra, deverá estar conscientizado do processo: é, portanto, muito difícil pretender participar de um processo educativo que, por sua vez, é processo de conscientização, a menos que se seja consciente de si e de tal processo. Um professor que esteja engajado numa prática transformadora procurará desmistificar e questionar, com o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e cultura deste, criando condições para que cada um deles analise seu contexto e produza a cultura.

Os conteúdos dos textos utilizados serão constantemente analisados no sentido de expressarem pontos de vista do autor, do grupo social, da cultura que representam e dos conhecimentos científicos analisados como um produto histórico, representando a interpretação física, biológica, psicológica etc. dos fenômenos, num determinado momento concreto. Assim, o professor procurará criar condições para que juntamente com os alunos, a consciência ingênua seja superada e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos que ocupam um mesmo espaço geográfico. Com isso haverá preocupação com cada aluno em si, com o processo e não com produtos de aprendizagem acadêmica padronizados. O diálogo é desenvolvido ao mesmo tempo em que é oportunizada a cooperação, a união, a organização, a solução em comum dos problemas. Os alunos, pois, participarão do processo juntamente com o professor.

O professor deve pensar em comunicação entre pessoas e não em transmissão de conhecimentos. Entretanto, há a necessidade de investir no espaço e potencial entre o indivíduo e sua relação com o mundo, no processo, na passagem e não valorizar exclusivamente os conteúdos e objetivos já construídos, e, principalmente, ouvir seu aluno.

Ao ouvir o aluno, mais do que conhecê-lo melhor, o professor permite que ele se escute, se surpreenda pensando, fazendo, sendo. Facilitar e promover formas variadas de expressão, resgatar a história escolar, fazer perguntas, reconhecer e valorizar o que já foi constituído pelo aluno e identificar os valores e referenciais do

seu grupo de origem são funções básicas do professor preocupado com o indivíduo humano (que por ser humano pode e busca aprender). Freire falou muito em conhecer e partir da realidade e do referencial do educando. Piaget, Vygotsky, Ferreiro, entre outros, propuseram ao professor partir do conhecimento já consolidado pelo aluno, de suas concepções sobre o conteúdo a ser abordado, para alcançar metas mais complexas.

CAPITULO 2

METODOLÓGIA

No intuito de repensar a prática escolar do município de Ourilândia do Norte, compreender os fatores que interferem no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita das crianças na alfabetização e, sobretudo, refletir sobre a escola que produz o fracasso escolar, buscou-sei realizar uma pesquisa que proporcionasse um maior conhecimento dentro dessa temática, além de ajudar outros profissionais da área a imbuir-se na reflexão acerca de sua prática alfabetizadora.

Com o objetivo de analisar o processo de alfabetização e os fatores que emergem “dessa” e “na”, gerando o fracasso escolar, essa pesquisa foi desenvolvida dentro de uma abordagem qualitativa, a qual segundo Filho (1985), defendida por vários pesquisadores como Dilthey, Rickert, Max Weber como uma abordagem que adota uma posição epistemológica⁶ diferente de outras existentes, pois “defende uma linguagem real, não neutra e semelhante à do dia-a-dia [...] preocupando-se com a compreensão ou interpretação do fenômeno social, com base nas perspectivas dos atores por meio da participação em suas vidas”. (TAYLOR & BOGDAN, apud FILHO, 1987, pp. 41,43).

⁶ -Estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das ciências já constituídas: teoria da ciência. Conceito retirado do dicionário Mini- Aurélio século XXI, 2001.

Segundo as autoras Ludke e André (1986, p11.), o modelo do estudo numa abordagem qualitativa configura-se em cinco características básicas:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos;
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto;
4. O "significado" que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador;
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Como se vê, de acordo com as autoras, a pesquisa em uma abordagem qualitativa é feita através de dados descritivos, tendo como instrumento primeiro o pesquisador, e a preocupação com o desenvolvimento da pesquisa, valorizando o senso comum das pessoas e dando uma atenção especial ao desenvolvimento da pesquisa através dos dados coletados.

Com o objetivo de uma melhor compreensão do fenômeno estudado (A alfabetização e o fracasso escolar), foi utilizado como coleta de dados a pesquisa bibliográfica, a observação participante, a análise documental e a entrevista semi-estruturada.

Ao pesquisar sobre o tema Alfabetização e Fracasso Escolar utilizou-se a pesquisa bibliográfica, pois de acordo com Matallo e Pádua (2004, p.55), "Esta pesquisa é fundamentada nos conhecimentos da biblioteconomia, documentação e bibliografia; sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema de pesquisa".

Orientada pelas diretrizes de uma abordagem qualitativa, realizou-se uma pesquisa utilizando como método de coleta de dados a observação participante, pois conforme Ludke e André, (1986, p. 26), esta é uma metodologia que permite uma investigação, proporcionando um contato direto com o objeto pesquisado, além de propiciar ao observador:

[...] recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado... Permite também que o investigador chegue mais perto da "perspectiva dos sujeitos", um importante alvo nas abordagens qualitativas [...] Além disso, as técnicas de observação são extremamente úteis para "descobrir", aspectos novos de um problema.

De acordo com as autoras, o principal instrumento de investigação das pesquisas de observação é que "[...] o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado". Ludke e André (1986, p.28), afirmam ainda que a observação participante "É uma estratégia que envolve, pois, não só a observação direta, mas, todo o conjunto de técnicas metodológicas pressupondo um grande envolvimento do pesquisador na situação estudada".

Assim, a pesquisa foi realizada na escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental de 9 anos. No estudo foi centrado um olhar investigativo em todos os fenômenos que aconteceram em sala, (a prática pedagógica da professora, o comportamento dos alunos, as atividades propostas, relação professor-aluno, etc.). Toda essa realidade foi escrita minuciosamente para um melhor entendimento do tema pesquisado.

Foram dois os motivos pelos quais foi escolhida instituição escolar para desenvolver a pesquisa: um, se deu por ser uma escola composta por alunos, em sua maioria, pertencentes às camadas populares e por ser um setor menos desenvolvido, tendo em vista que um setor periférico se torna mais evidente o fracasso escolar e, o outro, se deu pelo pouco acesso que tenho a ela, o que dificulta a minha interferência diante de seus problemas.

A referida pesquisa iniciou-se no dia 12/09/06, onde ao primeiro contato com a diretora, apresentei os objetivos da mesma (não explicitando seu verdadeiro foco por ser uma exigência da observação - participante) e pedi o consentimento para que fosse realizada uma pesquisa de campo na escola. A mesma me recebeu

bem e desejou boas vindas. Nesta ocasião conversei com os professores, onde consegui alguns dados mais gerais da realidade da escola.

Durante a conversa com os funcionários da escola, a diretora me apresentou para a professora com a qual seria feita a pesquisa e pediu o seu consentimento para que fosse realizada a observação em sua sala. A professora mostrou-se interessada e disponível para ajudar-me no que se fizesse necessário.

Como o primeiro dia de observação era para coletar os dados mais gerais da instituição, dirigi-me a secretaria da escola a fim de apossar-me de documentos escolares para a obtenção de dados informativos sobre a realidade escolar dos últimos dois anos de alfabetização e conhecer o histórico escolar em todas as esferas (físicas, materiais, humanas, etc.).

No intuito de obter dado mais real sobre o fracasso escolar, apossei-me da Análise documental, por ser um método que possibilita o contato com documentos que demonstram a realidade do objeto de estudo através de informações factuais mais restritas.

De acordo com Ludke e André (1986, p.39), além dessas vantagens essa técnica oferece ainda, ao pesquisador, uma fonte estável, rica e poderosa que proporciona “a retirada de evidências que fundamenta afirmações e declarações do pesquisador”. Esse método foi utilizado na pesquisa para uma reflexão sobre o rendimento escolar dos últimos dois anos da alfabetização na escola pesquisada (dados analisados em documentos da secretaria escolar) e para conhecer o histórico da instituição. (Dados encontrados no Projeto Político Pedagógico).

Ao chegar à escola no segundo dia da pesquisa, enderecei-me à sala de aula para começar a observação, com o objetivo de identificar todos os fenômenos que acontecessem nela, a prática pedagógica da professora, o comportamento dos alunos, as atividades propostas, etc.

O conteúdo das observações realizadas, na maioria, foi de forma descritiva e interpretativa e discursiva com base nas observações internas e

externas à sala. Todo o trabalho foi registrado cuidadosamente, relatando as conversas, os diálogos, os conflitos (Professor x aluno, aluno x aluno, etc.).

Em busca de uma compreensão melhor sobre o tema, foi realizada a entrevista semi - estruturada, porque segundo Ludke e André (1986, p.34), esta técnica oferece uma relação de interação entre o pesquisador e o pesquisado, além de “permitir a captação imediata e corrente da informação desejada praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

A entrevista semi-estruturada foi desenvolvida através de um questionário não padronizado, apresentando-se como um instrumento flexível, garantindo espaço para as adaptações necessárias, que se evidenciaram no decorrer da entrevista. A entrevista realizou-se com alguns sujeitos que fazem parte da escola pesquisada como: coordenador pedagógico, diretor, e duas professoras que trabalham com a alfabetização (1º ano), sendo uma pertencente a uma outra instituição escolar. Essa pesquisa busca dados mais gerais sobre os temas levantados, mas sem perder de vista outros elementos que determinam e influenciam o trabalho educacional, porém esta foi realizada durante o período da observação de sala de aula.

A intenção da reiterada pesquisa foi contribuir com a educação para que a mesma possa ser analisada e refletida sobre a sua realidade, analisando suas práticas e buscando uma nova visão sobre os fatores que causam o fracasso escolar.

Diante dessa pesquisa busquei a reflexão sobre a temática alfabetização e fracasso escolar no município de Ourilândia do Norte.

Em suma, os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados foram de fundamental importância para a realização da pesquisa. Vale ressaltar que a observação participante se deu em uma turma de 1º ano, durante 10 dias (do mês de setembro do ano de 2006), incluindo observações externas e internas à sala de aula (a prática da professora (Y), comportamento individual e

coletivo dos alunos, atividades desenvolvidas em sala, etc). Enfim, observando as estruturas físicas, materiais e humanas da escola.

A entrevista foi realizada com algumas pessoas da escola pesquisada: coordenadora, diretora e a professora da sala observada, além de se estender a mais uma professora que trabalha em outra instituição escolar (também em sala de alfabetização). A mesma se deu de forma semi-estruturada o que permitiu alterações no questionário, acrescentando e modificando as perguntas de acordo com a necessidade. Foram elaborados dois questionários: um para a Diretora e Coordenadora e outro para as professoras. (anexo I).

Com a entrevista semi-estruturada foi possível criar um ambiente que possibilitou a troca de experiência, proporcionando enfaticamente mais credibilidade à pesquisa.

Além desses métodos de coletas de dados, como já foi dito, também foi necessário a análise documental, que possibilitou a pesquisa acerca da realidade educacional na alfabetização nos últimos dois anos, o resgate histórico escolar da instituição e a análise das observações feita na sala de aula (em anexo) por constar nesses documentos informações sobre a realidade da escola.

3 - ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.

Este capítulo tem como objetivo interpretar e analisar os dados coletados na pesquisa. Tendo como suporte teórico alguns autores como Ferreiro, Teberosky, Cardoso, Cagliari e outros que discutem e registram sobre o tema em questão: Alfabetização e fracasso escolar.

Em busca de relatar e refletir sobre este assunto, foi necessário uma pesquisa de observação participante em uma sala de 1º ano, em uma escola pública no município de Ourilândia do Norte, tendo em vista, a interação entre os sujeitos envolvidos na sala de aula (professor-aluno, aluno-aluno, etc). Além de entrevistas com os sujeitos envolvidos no processo e análise documental em documentos da secretaria escolar.

No intuito de responder os problemas apresentados neste trabalho: "Que fatores têm causado o fracasso escolar dos alunos em termo de alfabetização no município de Ourilândia do Norte?" e "Qual o papel da escola e do professor na instituição escolar para combater o fracasso escolar?" e refletir sobre as questões acima, foi necessário discorrer sobre categorias de análise subdividindo-as em quatro questões correlacionadas ao tema, a saber: O processo ensino-aprendizagem; Interação professor-aluno; A formação de professores alfabetizadores e o Fracasso escolar no Município.

Organizados os dados, é seqüenciadas esta produção com a construção da análise e interpretações do que fora coletado ao longo da pesquisa e a reflexão sobre os objetivos do trabalho, foi utilizado como norte o referencial teórico construído no presente estudo. Portanto a seguir serão analisadas as categorias que atende a análise de dados da pesquisa.

3.1 - O processo ensino-aprendizagem

O que consta nessa categoria é a teoria de leitura na visão de alguns autores e a reflexão sobre a prática de algumas atividades da professora observada.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999) para o professor desenvolver um bom ensino é necessário que o mesmo tenha um conhecimento sobre a sua turma, ou seja, conheça seus alunos, e valorize o conhecimento prévio de cada um, pois será a partir do conhecimento já adquirido pelo aluno que a professora irá desenvolver o seu trabalho. Assim é essencial que a professora tenha um conhecimento dos níveis de escrita que as crianças se encontram e a leitura já adquirida pela criança a partir de sua interação com o meio.

A escola por desconhecer ou ter um contato mínimo com as teorias de Ferreiro e Teberosky, desenvolve uma prática de ensino totalmente desvinculada da realidade dos alunos, ignorando o seu conhecimento prévio acerca da leitura e da escrita. Neste sentido, é mister ressaltar que a principal causa da ocorrência desse fenômeno decorre do conhecimento limitado do professor sobre o desenvolvimento cognitivo que a criança já possui, mesmo antes de ir para a escola. Assim é trabalhado nas instituições escolares um ensino totalmente alheio ao conhecimento da criança, se limitando apenas a decodificação de letras, palavras e frases, desconsiderando o conhecimento de leitura que a criança possui ao entrar para a escola.

Pode-se constatar tal afirmação analisando a prática da professora numa determinada situação observada:

A professora senta em uma carteira no fundo da sala, chama uma criança e cola no caderno dela uma atividade mimeografada. Nesta atividade estão as famílias silábicas e palavras soltas que serão lidas pelos alunos. Observe uma situação de leitura:

P - Vamos ler?

A aluna ao ver a atividade diz:

A - Professora eu não conheço essa letra.

A professora pede para que a aluna leia o alfabeto que tem na parede. A criança lê. E a partir dessa leitura, ela identifica a letra da palavra. E mostra não saber juntar as sílabas, então a professora à ajuda:

P- N com A?

A - Na

P- N com E?

A - NE

P- N com I?

A - NI

P- N com O?

A - NO

P- N com U?

A - NU

P - Então fala a família que você leu.

A - NA, NE, NI, NO, NU.

Para ler a palavras a professora a ajuda também. Vejamos:

P- C com A

A - CA

P-N com U

A - NU

P- D com O

A - Do

P - Então como fica a palavra?

A – CANUDO

Como se vê, é uma leitura feita de forma descontextualizada, onde a criança se depara com sílabas e palavras soltas. Quando a professora pede para que a criança leia famílias silábicas e palavras como a descrita (CANUDO), vê-se que ela está desempenhando a função a ela atribuída e imagina-se que ela está ensinando a família silábica e, automaticamente, a criança está aprendendo a ler. Vê-se que a professora fala as famílias para as crianças e se ilude ao pensar que as mesmas estão entendendo o que ela diz.

Mas pelos comentários da professora, ao término da atividade, percebe-se que a mesma se encontra desiludida, chateada devido às crianças não estarem desenvolvendo como ela esperava. O que isto significa? Por que será que suas expectativas em relação ao ensino dos alunos não estão sendo alcançadas? Significa que seus métodos de trabalho não estão sendo adequados, assim, o resultado esperado pela professora não está sendo alcançado, pois de acordo com FERREIRO (1985, p.45), a alfabetização fundamentada nos métodos tradicionais, torna-se artificial, mecânica, e muito distante da realidade da criança.

O ensino na alfabetização em que o discente desenvolve atividades a partir de letras isoladas, ou seja, descontextualizada, para depois formar sílabas e conseqüentemente formar palavras e, o pior, palavras que só têm função de fixar as letras estudadas, fazem com que as crianças permaneçam horas e horas repetindo uma mesma letra ou uma mesma sílaba, até chegar à memorização, o que torna a aprendizagem delas fragmentada, e desvinculada de suas realidades.

Ler, para estes métodos, significa decifrar. Os elementos: sons, sílabas ou mesmo palavras, nada têm a ver com o sentido, mas por outro lado, o indivíduo que não souber o sentido das palavras e decifra-las ainda não aprendeu a ler.

De acordo com Smolka (2003, p.43),

Quando a professora soletra as palavras e mostra as letras do alfabeto, ela está destacando, apontando e nomeando elementos do conhecimento para a criança, e indicando uma forma de organização deste conhecimento. Quando a criança fala, pergunta ou escreve, é ela quem aponta para a professora o seu modo de perceber e relacionar o mundo. Nessa relação o conhecimento se constrói.

Como se vê na citação acima, para a criança construir seus próprios conhecimentos é necessário que ela participe ativamente do processo ensino x aprendizagem, neste caso, apontar, destacar ou nomear elementos do conhecimento, compete ao educando e não ao professor, pois o conhecimento se constrói no momento em que o aluno é o sujeito principal de sua aprendizagem. Neste contexto, é importante ressaltar que a relação professor x aluno deve ser interacional, partindo do pressuposto de que o diálogo é parte essencial na construção do conhecimento.

Smolka (2003, p.43) afirma ainda que:

Quando a criança tenta escrever sozinha (processo de elaboração individual), ela analisa a escrita do ponto de vista do conhecimento que já possui (No que diz respeito a algumas convenções sociais).

Do “ensino” da professora, então, não resulta, necessariamente “o aprendizado correto” do aluno [...] ela informa adequadamente a criança, supondo que a criança é capaz de aprender a ler e a escrever. Desse modo, além do funcionamento da escrita, a professora trabalha o reconhecimento do outro, a interação, a relação com a criança.

A prática da professora entrevistada se dá como está explícito na citação acima, pois a professora aponta para a criança como desenvolve o processo do conhecimento. No entanto, para que haja realmente uma aprendizagem é importante que ela participe do processo ensino x aprendizagem como uma incentivadora, intermediadora e não meramente uma transmissora de conhecimentos. Portanto, quando a professora desempenha apenas o papel de transmissora de conhecimentos prontos e acabados não está contribuindo para que ensino tenha significado e seja harmônico à construção do conhecimento pelo aluno.

Ao perguntar à professora sobre a dificuldade de desenvolver atividades atendendo os diferentes níveis de aprendizagem (pré - silábico, silábico, alfabético) das crianças em sala de aula, ela afirma ser muito difícil trabalhar respeitando os níveis encontrados em sala, por não dispor de tempo para elaborar as atividades diversificadas e não ter conhecimento suficiente para compreendê-los, mas trabalha com todos os alunos utilizando as mesmas estratégias, trabalhando um único tipo de

atividade sem atender as suas diferenças de níveis. Assim, ela age como se todos fossem dotados do mesmo conhecimento, ou seja, possuísem a mesma inteligência. Mas, como se sabe, não somos todos iguais, temos as nossas individualidades, nossas limitações e estas devem ser vistas e consideradas pelas instituições escolares.

Durante a entrevista, foi feita a seguinte pergunta para a professora:

“Como você reage diante dos diferentes níveis de aprendizagem entre os alfabetizando em sala de aula?”

P - Sinto muita dificuldade por ser difícil, pois a cada dia que passa temos um desafio diferente, e se torna mais difícil ainda por não ter tempo para elaborar as atividades e não possuir conhecimentos suficientes dos níveis de aprendizagem.

Com isso, percebe-se que a professora possui certo conhecimento sobre os níveis de aprendizagem, mas que a mesma não trabalha de acordo com esses níveis, não respeita as individualidades e as limitações dos educandos, pois não trabalha as atividades diversificadas de acordo com os níveis encontrados em sala de aula. A mesma alega não ter tempo disponível para elaborá-las e ao mesmo tempo possuir pouco conhecimento sobre essas diferenças de aprendizagem. Deste modo, as crianças são prejudicadas já que a professora não trabalha as individualidades dos alunos e contribui ainda mais para o fracasso escolar de seus alunos. Podemos constatar tal afirmação, analisando as respostas das professoras pesquisadas a partir da seguinte pergunta:

“Como é a elaboração das atividades escolares que você utiliza na sala de aula?”

P-1... Única, por eu não ter tempo de elaborar atividades diversificadas, apesar de saber que o trabalho diversificado facilita a aprendizagem dos alunos e propicia aos mesmos um desenvolvimento mais completo,... pois com essas atividades as crianças são vistas e respeitadas na sua

individualidade de acordo com o seu nível de conhecimento....Acho aplausível esses métodos de trabalho apesar de não conseguir coloca-lo totalmente em prática, Por ser muito difícil, por o salário do professor ser pouco e ter que trabalhar 200 horas, assim não tenho tempo de pesquisar e elaborar as atividades necessárias.

P-2... Homogênea, pois os alunos são muitos na sala de aula, no entanto, dificulta que eu trabalhe individualmente de acordo com a necessidade de cada um Apesar de ver a necessidade de um trabalho mais voltado para o individual porque a diferença de aprendizagem na sala é muito grande,... Mas como sabemos o professor é mal remunerado, no entanto é obrigado a trabalhar os dois turnos, então não sobra tempo para desenvolver as atividades diversificadas.

É notório nas respostas das professoras que apesar de um nível de escolarização diferenciado⁷, ambas desenvolvem um trabalho na sala de aula utilizando uma prática tradicional. Mesmo sabendo da necessidade de trabalhar atividades diversificadas, costumam se apropriar e desenvolver uma mesma atividade para todos os alunos, valendo-se de uma mesma estratégia de trabalho, desconsiderando os diferentes níveis de aprendizagem que se encontram na turma. Sobre esta questão Souza (2002, p.102) afirma que:

O professor para atender a diversidade dos grupos que habitam na sala de aula precisa compreender as especificidades da educação, sobre tudo, no que concerne à sua função social de promover o desenvolvimento e a transformação dos alunos, rumo ao aprimoramento do exercício da cidadania, no que se refere ao gozo de seus direitos e deveres. Um desenvolvimento e uma transformação que conservam a singularidade de cada sujeito, por respeitar ritmos próprios, valores e crenças oriundos de suas histórias.

Para que o professor trabalhe a heterogeneidade na sala de aula, é necessário que ele conheça a história de vida de seus alunos para que saiba trabalhar, respeitando suas diferenças, isso significa que ele tem que ter metas para cada grupo, para cada aluno, Souza (2002, p.102) afirma que:

⁷ - Nível de escolarização das professoras: P-1 (Ensino médio Magistério) P-2 (Concluindo Ensino Superior, Pedagogia)

[...] o professor não está preparado para enfrentar esse desafio. O que observa no cotidiano escolar é a surpresa dos professores com essa diversidade, seja do ponto de vista dos conhecimentos prévios que se espera do aluno, seja em relação aos comportamentos e atitudes previstos para aquela faixa de idade.

Ao analisar a citação acima, percebe-se que os professores têm dificuldades para trabalhar a diversidade de aprendizagem, uma vez que não se encontram totalmente “preparados” para atender essas “diferenças”. Todavia, ao falar sobre esse fator, as professoras entrevistadas afirmam que os grandes fatores responsáveis para a não realização desse trabalho é a falta de tempo para elaborar as atividades, pois os professores são mal remunerados e assim são obrigados a trabalhar dois turnos. Entretanto, acreditam que uma remuneração melhor seria necessária para que eles pudessem dispor de tempo para planejar as suas aulas, de forma que atendessem os diferentes níveis de aprendizagem dos alunos. Segundo Cagliari (1992, p. 13), para que esse trabalho seja feito é necessário que:

Mais do que os vários outros tipos de professores, os alfabetizadores precisam de uma formação especial, mais sólida e sofisticada, dada a importância e a complexidade de seu trabalho. E, é claro, uma melhor remuneração. Mas infelizmente o professor alfabetizador recebe, em geral, a pior formação e a pior remuneração, enfrentando, ainda, as piores condições de trabalho.

Diante de tal situação, vê-se que o sistema educacional não oferece condições para as escolas desenvolver um trabalho com a qualidade, que atenda as reais necessidades dos alunos, pois a cada ano que passa a realidade educacional se agrava, devido os investimentos ser insuficiente para atender a demanda exigida pela educação. Assim o ensino continua arcaico, baseado na aplicação de conteúdos que prioriza uma metodologia voltada para a mecanização, a fragmentação e descontextualização do ensino. E como afirma Kleiman (2001 p. 40). “O ensino se torna abstrato por estar distante da realidade do educando, seu conteúdo são fragmentados, superficiais, o professor ministra um ensino pronto e acabado, todavia, forma cidadãos passivos diante da realidade”. Assim, cada vez mais o fracasso escolar na alfabetização se torna evidente.

3. 2 - Interação professor-aluno.

A segunda categoria impulsiona a uma reflexão sobre as práticas escolares do município, a compreensão de como vem se desenvolvendo a relação professor-aluno e aluno-aluno na sala de aula e em que a professora se baseia para manter uma relação onde prevalecem a reciprocidade de experiências e o diálogo constante. Pois é de suma importância uma interação na sala de aula para que a educação possa ser incisiva na vida do educando. Neste contexto, vale salientar que interação entre os sujeitos envolvidos nesse processo educacional deve ser de forma dialógica, cabendo ao professor dialogar sobre situações concretas para que ocorra a superação da consciência ingênua, visando uma práxis educativa crítica e criativa e, cabe ao educando participar de forma co-responsável na ação educativa, problematizando a realidade, com o objetivo de conhecê-la e transformá-la.

Sabe-se que é imprescindível um ensino voltado para a troca de experiência, mas o que se vê, na maioria das escolas, é uma educação baseada no método tradicional, onde o professor detém o saber e os alunos apenas o recebe para mais tarde depositá-lo em exames, provas, etc. E durante essa transmissão do conhecimento, os alunos devem se comportar como “estátuas” sem o direito a uma interação na sala de aula.

Pode-se constatar tal afirmação analisando o relacionamento professor aluno na sala de aula da professora, cuja observação se concretizou. Veja algumas falas da professora durante a execução das atividades:

P- J, você está conversando muito, se continuar vou te colocar para fora da sala, apesar de eu querer muito que você participe desta atividade.

P – A. senta direito,

P- M. vira para o quadro, você mudou de lugar só para me atrapalhar?

P – R, você está me atrapalhando.

P – M, você está atrapalhando de novo! Dá para parar?

P- A. deixa a brincadeira para a hora do recreio.

P- M, Você tem que olhar só para a sua atividade.

P- J. fica quieto!

P - A atividade deve ser feita por vocês bem caladinhos, se não, não irá ficar perfeita.

P- M, se ficar só olhando, você não vai aprender a fazer.

P- C, se você ficar conversando, eu vou mandar você ir embora.

P- M, vamos trabalhar?

P- C, você vai fazer a tarefa ou não? Se não fizer vai para a sua casa.

P- F, copie se não depois você vai ficar chorando, dizendo que fez muita atividade.

P- M, se deixar de fazer a tarefa, você vai ver na hora do lanche.

P - Se vocês continuarem com esse comportamento, irei trocar todos vocês de lugar.

Diante desse quadro o que se percebe é um professor que desenvolve a sua prática na base da imposição e da intimidação o que, conseqüentemente, desperta no aluno um comportamento que se confronta com as regras que ela impõe, criando assim uma barreira entre o ensino e a aprendizagem de forma dialógica e crítica.

Neste sentido, o que vê é uma professora preocupada apenas com a transmissão de conteúdo e que acredita que sua tarefa é meramente ensinar a ler e a escrever. Para que isso aconteça a professora mantém uma postura rígida diante do comportamento dos alunos, e exige dos mesmos a obediência a imposição de suas regras, assim, ela transmite o que sabe e espera que estes aprendam o que

lhes é transmitido no contexto educacional. Contexto esse que faz parte do senso comum onde professores e alunos assumem suas condições e executam as suas tarefas. Todavia, a professora está pondo em prática o que ela considera necessário para que a transmissão de conhecimento aconteça.

Nessa situação, o ato de ensinar se caracteriza e se reduz ao falar e obedecer e o ato de aprender se caracteriza pelo tentar copiar e calar. Essa é a realidade observada na sala da professora pesquisada que cobra dos alunos constantemente um comportamento “passivo”, exigindo deles total silêncio durante o desenvolvimento das atividades e os submetendo a uma postura tradicional em que prevalece a autoridade do professor e a obediência dos educandos. Assim o aluno se limita apenas ao ato de calar e copiar, pois só podem participar das aulas com a permissão da professora.

De acordo com Smolka (2003), esse método de ensino baseado numa relação de autoritarismo por parte da professora, faz com que os alunos se revoltam e cause o rompimento na relação de ambos.

A irritação e impaciência do professor acabam provindo também do seu não saber o que fazer. Isso gera certo sentimento de incapacidade, incompetência e fracasso. E já que ela não atende as expectativas dos alunos muitos ficam alheios ao que está acontecendo e começam a conversar, desenhar, rabiscar os cadernos, cochichar com os colegas favorecendo à “indisciplina” na sala de aula. Diante dessa situação, a professora sem entender ou conseguir explicar esses comportamentos, começa ameaçá-los. Diante desta situação a professora não aceita nenhum tipo de conversa durante a “sua aula” e faz questão de frisar no decorrer do seu trabalho expressões do tipo “minha sala”, “minha tarefa”, “meus alunos”, agindo como se ela fosse à dona da sala de aula e de tudo que há dentro dela, impondo a obediência acima de tudo.

É possível comprovar tal situação a partir de algumas frases dita pela professora durante o desenvolvimento das aulas:

P – Olha! Eu não quero as minhas tarefinhas que entreguei a vocês, amassadas, rasgadas e nem tão pouco sujas. Quero-as limpinhas do jeito que entreguei;

P - O que vocês estão fazendo na porta da minha sala?

P – Meninas calem a boca! Porque vocês estão atrapalhando a minha aula;

P - Psii! Estão atrapalhando a minha aula.

As falas acima denotam claramente que a professora se apodera de seu saber para intimidar as crianças, mostrando a elas que é superior e que as mesmas lhes devem obediência, tendo que permanecerem caladas e se preocuparem somente com as atividades de sala.

Diante dessa atitude, segundo Smolka (2003, p.56), o professor se coloca como se fosse dono da escola e, conseqüentemente, dono do conhecimento, produzindo a ilusão não pela constituição do processo de ensino, mas pela instituição da tarefa de ensinar, o que torna o ensino unilateral, linear e estático, impondo à criança um aprendizado restrito a esse conhecimento.

Essa visão de educação em que predomina a autoridade e o discurso do professor na sala de aula, provoca nele a crença de que a escola constitui o conhecimento e que se ele não ensina o aluno não aprende. Diante dessa imposição, o que resta para a criança é aceitar a idéia de que o ensino só provém da transmissão do conhecimento pelo professor. O que quer dizer que se o aluno não vai para a escola fica isento do conhecimento. Verificou-se tal situação em um diálogo da professora com os alunos em sala de aula:

P – Olha, tem alunos que estão faltando muito às aulas. Se continuar assim, irei chamar os pais desses faltosos para conversar.

P – Crianças, o que acontece com esses alunos que faltam às aulas?

Os alunos respondem em coro:

A – Não passam de ano.

P - Pior que isso, eles não vão aprender nada!

Observa-se no diálogo acima, que tanto o professor quanto os alunos acreditam que para as crianças aprenderem alguma coisa é necessário que elas frequentem as aulas, e que quando se ausentam delas estão isentos da aprendizagem. De acordo com Smolka (2003), essa ilusão acontece porque o professor não possui conhecimentos críticos em relação ao seu papel de educador e ser alheio à verdadeira função de seu trabalho na escola.

De acordo com a autora, a tarefa de ensinar é baseada na relação de ensino, que imposta socialmente distorce o verdadeiro sentido dessa relação. Vejamos a seguinte situação abordada em sala de aula:

A professora ao entregar uma atividade e um livro a cada aluno, disse:

P - Na primeira questão tem o desenho de uma fadinha e do lado dela tem o comando pedindo para que pesquise novas palavrinhas com a letrinha F de fada.

Diante da atividade que receberam, os alunos se mostraram eufóricos. De repente, uma aluna fala:

A – Professora, encontrei uma palavra.

P - Muito bem! Agora circule a palavrinha.

A professora vai até a criança ver a palavra, ao lê-la dirige-se até a lousa, a copia e reforça para os outros alunos como desenvolver a atividade. Nesse intervalo uma criança grita:

A – Professora! Achei uma palavrinha também.

A professora vai até a carteira para ver a palavra e fala:

P - você só pode estar brincando comigo! Foram palavras com essa letra que pedi?

A – Não...

P - Então procure só com a letra que indiquei.

Como se vê na situação acima, a professora elogia uma aluna por ter encontrado a palavra que correspondia a seus comandos e critica a outra por ter encontrado a palavra que não tinha a mesma correspondência. Essa atitude da professora traz como consequência a desmotivação dos discentes, pois a forma de como a professora se dirige aos alunos faz com que eles se calem se intimidem e não queiram mais desenvolver as atividades. Pois de acordo com Davis e Oliveira (1994, p. 85), a relação professor aluno deve ser baseada na troca de experiências, sendo o professor o elo motivador desse processo:

Um dos trabalhos mais importantes a serem desenvolvidos pelo professor junto aos seus alunos é, portanto, motivá-los. Não se trata, aqui, apenas de incentivá-los com elogios ao desempenho. Ao contrário, o bom professor procura fazer com que o processo de aprendizagem seja motivador em si mesmo: as crianças devem ser levadas a colocar toda a sua energia para enfrentar o desafio intelectual que a escola lhe coloca. O prazer vem assim da própria aprendizagem, do sentimento de competência pessoal, na segurança de ser hábil para resolver o problema.

Em virtude de um ensino baseado na monopolização de conteúdos e numa relação professor/aluno autoritária, a criança se torna cada vez mais dependente do processo, sem desenvolver a autonomia, se tornando um ser passivo diante dos problemas. Haja vista, que um ensino assim, pautado na intimidação contribui para que este aluno enxergue a escola como um ambiente onde o professor é o dono da verdade e o aluno está ali para “aprendê-la”.

Davis e Oliveira (1994, p. 90) afirmam que o professor deve conhecer a realidade de seu aluno, ser conhecedor das estratégias utilizadas por eles para chegarem a uma determinada conclusão, além de:

[...] interagir com eles, ajudando-os a elaborar hipóteses pertinentes a respeito do conteúdo em pauta, por meio de constante questionamento das mesmas [...] e que comportamentos como perguntar, expor, incentivar, escutar, coordenar, participar de debates e outros podem ser expressos pelos alunos e pelo professor numa rede de participações, onde os indivíduos consideram-se, reciprocamente, como interlocutores que constroem o conhecimento pelo diálogo.

Assim, vê-se a importância do professor ser na sala de aula um incentivador da aprendizagem, orientando os alunos sempre e fazendo com que os mesmos se questionem, busquem novos conhecimentos consultando várias fontes e comparando-as com as suas já existentes. O aluno, nesse processo, deve ser sempre incentivado pelo professor a ampliar o seu conhecimento. Conforme afirma Cagliari (1992, p. 14), o professor deve ser o incentivador do processo educacional, tratar os alunos como pessoas dotadas de inteligência e acreditar que antes de irem para a escola eles já possuem um conhecimento acumulado pela interação com o mundo, é necessário que ele atue na escola como verdadeiro leitor, procure aprofundar seus conhecimentos em teóricos que visam uma educação a partir da construção do aluno na interação com o meio e sempre fazer uma auto-reflexão de sua prática para deixar de ser um mero transmissor de ideologias dominantes impostas nas instituições e se torne um agente transformador e contribuidor com o desenvolvimento de aquisição da leitura e da escrita de seus educandos.

3.3 - Formação continuada de professores alfabetizadores.

A terceira categoria vem abranger informações relacionadas à formação continuada destinada aos professores alfabetizadores do município de Ourilândia do Norte e relatar a importância da mesma para uma educação de qualidade que atenda a todos os anseios educacionais. Pois como sabemos o professor necessita de uma formação que lhe oriente sobre seu trabalho, e o incentive à realização da práxis cotidiana, partindo de uma auto - reflexão acerca de seu trabalho.

De acordo com as entrevistadas, uma formação que:

P1 “tenha um acompanhamento mais direto ao trabalho do professor, que proporcione um conhecimento mais aprofundado dos autores que defendem um determinado método, assim proporcionará uma maior aprendizagem, porque sem esse conhecimento o professor fica sem norte, perdido dentro da sala de aula, sem saber o que fazer como fazer e nem mesmo o porquê de estar trabalhando determinado método. Assim, vejo a necessidade de uma formação acadêmica dentro da área, que amplie os conhecimentos dos professores para que eles compreendam o processo que a criança passa ao se alfabetizar”.

P2 - seja o suficiente e adequada para que o professor compreenda o processo de aquisição da leitura e da escrita e que essas formações tenham um acompanhamento mais extenso na prática do professor para que ele compreenda e mude a prática pedagógica, porque sem esse acompanhamento o professor fica sem norte na sala de aula, sem saber como fazer, o que fazer e nem tão pouco o porquê de estar trabalhando determinado método.

Ao analisar as respostas das entrevistadas percebe-se que ambas almejam uma formação continuada que dê suporte pedagógico para o professor, tendo em vista um acompanhamento extenso e intenso que oriente o professor na sala de aula e que a mesma deve ser feita a partir de suas reais necessidades, atendendo seus anseios e suas dúvidas. Não uma atividade alheia à realidade da educação, como vem acontecendo. Vejamos tal afirmação em Teberosky e Cardoso (1993, p. 51):

As atividades que se prestam à formação do professorado freqüentemente estão estruturadas a partir de um ponto de vista externo à problemática do educador. Assim, por exemplo, seminários, cursos, conferências etc. são situações de trabalho organizadas para a escuta.

Sobre isso, Teberosky e Cardoso (1993, p. 51, 52) afirmam que “[...] Essa maneira de estruturar as propostas de formação traz implícita em sua forma uma concepção do professor como de alguém que tem pouco com que contribuir, mas que, em compensação, tem muito por aprender [...]”.

Diante dessa visão, percebe-se que a formação não possui nenhum significado para o professorado, por ser uma formação que não condiz com suas verdadeiras necessidades, todavia, sabemos que a pessoa que trabalha no cotidiano com o alunado é o professor, o qual é o verdadeiro conhecedor daquilo que é imprescindível na sala de aula. Uma vez que a formação foi pensada a partir de esferas exteriores, com conteúdos voltados aos seus próprios interesses, pouco contribuirá com o processo educacional, como afirmam as autoras (p.52), “[...] não tem muita utilidade apresentar aos professores um acúmulo de informações ou proposições sem que eles estejam realmente implicados no processo”. Teberosky e Cardoso (1993) afirmam ainda que: “É fundamental que uma formação pensada para o professorado considere o ponto de vista dos professores e suas particularidades”.

Como sabemos que é de suma importância uma formação que atenda as necessidades do professorado, foi feita as seguintes perguntas para as professoras entrevistadas:

Você participa, ou já participou de algum curso de formação que lhe orientasse como trabalhar com classes heterogêneas? Se já participou, qual? Foi o suficiente para subsidiar seu trabalho educativo?

P1_ Sim, já participei do PROFA, Jornada Pedagógica e outros, mas ainda não foram suficientes por serem poucas e em curto prazo.

P2 – Sim, o PROFA, PCNs, etc. não sendo o suficiente por não ter um acompanhamento direto , só foi na teoria. Seria necessária uma formação continuada que acompanhasse o trabalho do professor.

Os cursos de formação são adequados e/ou suficientes para que o professor compreenda a aquisição da leitura e da escrita das crianças?

P1 - São adequados, não sendo o suficiente porque para trabalhar com a alfabetização o professor tem que estar bem preparado.

P2 - São adequados, mas não o suficiente, porque quando participamos de curso de formação não temos um conhecimento mais aprofundado dos autores que defendem as idéias, então não nos propicia um maior conhecimento das teorias. Assim, o professor fica sem norte, ficando perdido na sala de aula, sem saber como fazer, o que fazer e nem tão pouco o porquê de estar trabalhando determinado método.

Ao analisar as respostas acima, percebe-se que o município já proporcionou aos professores alfabetizadores formações que abrange o campo alfabético, como o Programa do PROFA (Programa de Professores Alfabetizadores), PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e Jornadas Pedagógicas, porém não foram suficientes para que o professorado compreendesse a aquisição da leitura e da escrita da criança, nem tão pouco desenvolvesse um trabalho que atenda as diversidades de aprendizagem na sala de aula de forma heterogênea ou de acordo com grupos de diferentes níveis de desenvolvimento.

Segundo as entrevistadas, os cursos ofertados pelo município são adequados, porém não o suficiente por serem poucos os cursos ofertados e ministrados em curto prazo. Por isso, não atendem as verdadeiras necessidades dos professores alfabetizadores. Por esses cursos serem insuficientes, proporciona aos educadores insegurança na hora de trabalhar determinado método, por terem dúvidas sobre que método trabalhar e não ter o domínio do método que querem

seguir e acabam ficando só no método tradicional (mecânico, fragmentado, descontextualizado, etc) ou mesclando o tradicional ao construtivismo (trabalho dentro de um contexto, o qual considera o aluno como um ser que participa de sua aprendizagem de forma ativa)

Segundo Teberosky e Cardoso (1993, p. 52), é mister que encontremos uma saída para esse esquema tradicional de formação de professores, porque para se desenvolver uma educação de qualidade, os professores têm que compreender o processo pelo qual a criança passa ao se desenvolver, além da necessidade de um conhecimento amplo do professor no que tange a sua esfera de trabalho.

De acordo com Cagliari (1992, p. 10) para que o trabalho do professor tenha êxito, além de uma boa formação é necessária que ele conheça um pouco melhor a relação da escola em que trabalha com a sociedade, pois, seu espaço de trabalho não se restringe somente à sala de aula. Logo, é necessário que o professor comece a refletir sobre as seguintes questões:

Que influência a sociedade tem na escolarização de suas crianças? Qual a verba destinada aos alunos e professores dessa instituição? Qual a visão que tem da criança que frequenta a escola pública? Quais os verdadeiros objetivos da escolarização, e mais especificamente, da alfabetização dessa clientela?

Conhecer a realidade escolar é de suma importância para que os professores estejam cientes do tipo de homem que quer formar e no que a sociedade pode contribuir com essa formação. Além de estar ciente do seu verdadeiro papel como educador, porque de acordo com Cagliari (1992, p. 10), “Nada melhor que a ignorância para gerar a obediência cega; a subserviência e o conformismo, como destino irrevogável da condição humana”.

Em busca de dados mais reais sobre o que deve ser feito para que essa realidade educacional mude, foi feita a seguinte pergunta para as entrevistadas:

A quem cabe fazer as transformações necessárias na escola?

P1 - Políticos que visem uma educação de qualidade, que vêem a real necessidade da escola, além da participação intensa dos pais.

P2 - Todos os agentes que fazem parte da escola, merendeira, guarda, enfim todos envolvidos no processo educativo. Mas principalmente um compromisso maior dos governantes com a educação.

Coord. A todos os professores que nela atuam, e às políticas educacionais, ou seja, a transformação ocorrerá quando as pessoas envolvidas no processo ter vontade de mudar.

Dir. A toda comunidade educacional, (educadores, alunos, pais, políticos educacionais), pois não adianta só alguns quererem mudar a realidade. É necessário um compromisso de todos envolvidos no processo.

Ao se deparar com as respostas das entrevistadas, vemos que para a maioria a solução para o fracasso escolar requer uma participação ativa e harmônica de todos os envolvidos no processo educacional, porém, na sua maioria, o fator que mais se evidencia são as políticas educacionais. Segundo as respostas obtidas percebe-se que todos vêem nos governantes a necessidade de um compromisso maior com a educação, porque sem as condições necessárias é impossível que o professor desenvolva um bom trabalho, pois quando querem desenvolver um trabalho com variados recursos didáticos, é necessário que tragam de casa os recursos que irão utilizar, como: vídeo, DVD, CDs, som, e às vezes até televisão, visto que nas escolas em que trabalham esses recursos são inexistentes e quando existem, estão sempre danificados.

Para um mundo que está cada vez mais globalizado e o avanço tecnológico surgindo com mais vigor, é importante que a escola tenha um investimento maior para que disponha, pelo menos, dos recursos básicos para os professores trabalharem, pois com as mudanças ocorridas no mundo, a sociedade vem exigindo enfaticamente das escolas a formação de pessoas que atuem nesse meio social como seres independentes, livres da ignorância, atuantes. Mas como isso é possível se a cada dia que passa o que vemos é um descaso maior com a educação?

Para atender essas necessidades é imprescindível que se faça, com urgência, uma política educacional que veja as reais necessidades das escolas e faça um investimento maior na formação continuada de professores, investimento em tecnologias educacionais, salário digno para os professores, reformas em prédios e outros.

É possível que, quando esses governantes perceberem a importância de que um investimento maior na educação de forma a atender as reais necessidades das instituições escolares, como a adequada formação dos professores, a educação tenha êxito e a nossa realidade de mundo mude de modo a oferecer as pessoas os mesmos direitos, condições e oportunidade de estudar em prol de uma vida mais digna e justa.

4 - Fracasso escolar no município.

As estatísticas mostram que o índice de reprovação e evasão de crianças nas instituições escolares aumenta, a cada ano, que passa, por isso, vê-se a necessidade de apossar de dados nos documentos arquivados na secretaria da escola pesquisada com o objetivo de constatar se essa realidade é fato. Assim esta quarta categoria traz uma demonstração da realidade da alfabetização na instituição em que foi realizada a pesquisa. Os dados a seguir são referentes aos dois últimos anos de 1ª série. Vejamos:

QUADRO 1

Dados referentes ao rendimento escolar do ano de 2004

Turma	Nº. matrícula	Aprovados	Reprovados	Desistentes	Transferidos
ÚNICA	38	18 (47%)	6 (16%)	10 (26%)	4 (11%)

FONTE: Secretaria escolar

Conforme os dados a cima, percebe-se estatisticamente que no ano de 2004 foram matriculados na escola 38 alunos, sendo que dentre eles, foram aprovados 18 (47%), reprovados 6(16%), desistentes 10 (26%) e transferidos 4(11%)

QUADRO 2

Dados referentes ao rendimento escolar do ano de 2005

Turma	Nº. matrícula	Aprovados	Reprovados	Desistentes	Transferidos
ÚNICA	41	19 (48%)	7 (17%)	9(21%)	6 (14%)

FONTE: Secretaria escolar

No ano de 2005 a tabela nos mostra que dos 41 alunos matriculados 19 (48%) foram aprovados, 7 (17%) reprovaram, 9 (21%) desistiram, e 6 (14%) foram transferidos.

QUADRO 3

Dados de 2004 e 2005

ANO	Nº. matrícula	Aprovados	Reprovados	Desistentes	Transferidos
2004 / 2005	79	37 (47%)	13(16.5%)	19(24%)	10 (12.5%)

FONTE: Secretaria escolar

Nos anos de 2004 e 2005 foram matriculados 79 alunos na 1ª série, deles apenas 37 foram aprovados (47%), 13 reprovaram (16.5%), 19 desistiram (24%), e 10 foram transferidos (12.5%).

De posse desses dados depreende-se que o índice de reprovação e evasão desses alunos é bem considerável porque de 79 alunos matriculados, 32 reprovaram e/ou evadiram, atingindo o percentual de 40.5%. Esse é um fato real, entretanto, o que a escola está fazendo para amenizar essa situação? Cabe a escola refletir sobre esses números e buscar meios para reverter essa realidade.

Esses resultados também deixam questões a refletir como: Quem é o responsável por essa realidade? Que fatores interferem nesse processo? O que devemos fazer diante de tal situação? Será que um dia esse caso será revertido? Como?

Essas são perguntas que exigem reflexões, pois essa realidade educacional não é única, é um fato mundial, sendo necessário que se faça algo que reverta este quadro crítico, porque o fracasso escolar, pelo que se vê nas pesquisas mundiais, se evidencia cada vez mais, assim é necessário que faça algo com urgência para mudar essa realidade que se faz freqüente no cotidiano escolar.

Ao conversar com alguns funcionários da escola sobre os possíveis fatores que causam a reprovação, a evasão e o fracasso escolar na instituição pesquisada os mesmos definem que é a falta de:

- acompanhamento dos pais;
- um projeto que trabalhe a família, conscientizando-a sobre a importância da presença da mesma na vida escolar de seus filhos;
- condições física e material dos alunos;
- condições sócio-econômicas;
- afetividade;
- formação cultural;
- desestrutura familiar, etc;
- compromisso governamental.

Ao refletir sobre as respostas citadas acima, fica evidente que os fatores que causam o fracasso escolar são inúmeros e a escola, por não estar preparada para atender a sua clientela, contribui ainda mais para o aumento desse fracasso. Por essa realidade ser tão freqüente em nosso cotidiano, se faz urgente uma educação em que haja maiores investimentos para atender as verdadeiras necessidades educacionais.

Em relação aos fatores que geram o fracasso escolar na escola os sujeitos entrevistados acreditam que:

P-1 A culpa não é somente do professor, pois atribuo também a culpa aos alunos, pais e principalmente ao próprio sistema que não fornece suporte para que se tenha uma educação de qualidade. Pois os próprios materiais que necessitamos na escola têm que trazer de casa. Materiais como som, CD, DVD, etc.

P-2 – Os governantes são os verdadeiros culpados pelo fracasso da escola, pois os mesmos não dão a devida importância para a escola. Preocupam-se mais em fazer política e esquecem a verdadeira necessidade da escola.

Coord - A falta de uma boa estrutura familiar, má alimentação, falta de profissionais na área específica, como: psicólogo, fonodólogo. Vejo a necessidade de um salário digno para o professor, investimento maior na formação continuada e vontade de mudança por parte de todas as pessoas envolvidas no processo educativo.

Diretora - Acredito muito na vontade do fazer político, onde se tenha a responsabilidade de governantes que dessem o suporte necessário para a educação, além da estrutura familiar. No entanto é preciso propostas pedagógicas, encontros pedagógicos, formação continuada, porém ainda temos muito que avançar porque na realidade a educação se resume na ação dos envolvidos no processo.

Ao analisar tais respostas nota-se que os entrevistados afirmam que são vários os fatores que colaboram para o fracasso escolar. Dentre eles a desestrutura familiar, falta de acompanhamento dos pais nas atividades escolares, a má remuneração dos professores e como fator principal a falta de compromisso dos governantes que não fazem um investimento na educação que atenda a real necessidade educacional.

Ao falar em desestrutura familiar e falta de acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos, é possível observar que há uma deficiência na educação quanto a esses quesitos, os quais são fatores de suma importância no processo ensino-aprendizagem. Mas, acredito ser primordial à educação uma política governamental possuidora de uma visão crítica e reflexiva acerca de suas práticas, ideologias, etc. Uma política que perceba o quanto a educação é falha e busque mecanismos em prol de uma educação que atenda os anseios de sua clientela, propondo investimento que supra as necessidades básicas das instituições

escolares, a saber: formação de professores, reestruturação dos prédios escolares, materiais didáticos, um salário digno para os professores, etc.

Sabe-se que para ter uma educação de qualidade é necessário que todos os agentes envolvidos no processo atuem de forma ativa, não deixando a cargo apenas do professor que diante dos resultados obtidos no final do processo é apontado, na maioria das vezes, como incompetente, sem compromisso e sem amor a profissão. Mas como alguém pode desempenhar seu trabalho corretamente sem os recursos mínimos indispensáveis? Pois de acordo com as entrevistadas, os recursos materiais são insuficientes, a falta de investimento na educação é gritante, além da falta de compromisso das pessoas envolvidas no processo. O que fazer diante de tal realidade? Ao refletir sobre tal indagação de acordo com a pesquisa é necessário que haja uma política educacional que veja a educação como prioridade de governo, e faça investimentos nas instituições escolares atendendo aspectos físicos (estrutura escolar como: reformas, construções), materiais (permanentes, didáticos), e humanos (formação de professores, salário digno, dentre outros).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo maior deste trabalho “Investigar o processo de alfabetização e o fracasso escolar no município, refletindo sobre a prática pedagógica da escola e dos professores, e conseqüentemente sobre a importância da formação continuada para a reflexão de suas práticas”, tendo como suporte teórico autores que relatam sobre o tema e coleta de dados da pesquisa.

Os possíveis fatores que causam o fracasso escolar são inúmeros, embora estejam todos relacionados entre si, sendo causas e efeitos uns dos outros. As razões para o fracasso escolar podem, para efeito didático, ser classificadas ou agrupadas entre aquelas que estão relacionadas ao próprio indivíduo, ou aluno, como problemas físicos ou psicológicos; as causas que estão relacionadas à escola, como a qualidade de ensino; causas que estão relacionadas à comunidade localizada, como o próprio ambiente comunitário no que diz respeito às condições de higiene e saúde, qualidade de vida e, ultimamente, ao elevado nível de violência; e, finalmente, as causas pertencentes ao ambiente maior, que são as condições gerais econômicas e políticas do país.

Diante de um leque de possibilidades para realizar a pesquisa, o referido estudo teve como foco principal: A alfabetização e o fracasso escolar no município de Ourilândia do Norte.

Para desenvolver este estudo, esse tema foi subdividido em quatro categorias (O processo de aprendizagem; Relacionamento professor-aluno; Formação Continuada de Professores alfabetizadores e Fracasso escolar) que buscam analisar e refletir sobre o tema no referido município. E Para que essa pesquisa fosse realizada houve a necessidade de desenvolver um trabalho dentro de uma abordagem qualitativa, utilizando como coleta de dados a pesquisa bibliográfica, observação participante, entrevista semi-estruturada e análise documental (análise em documentos da secretaria escolar), além das entrevistas e as observações realizadas na sala de aula.

Ao falar sobre o processo de alfabetização e o fracasso escolar, apoderei-me de estudos de Ferreiro, Teberosky, Cardoso, Cagliari, Davis, Oliveira, Smolka, Kleiman, Klein, dentre outros. Esses autores me propiciaram um conhecimento mais amplo nessa área, facilitando assim o desenvolvimento da pesquisa e a análise dos dados coletados.

Assim sendo, esta pesquisa proporcionou uma análise sobre o trabalho desenvolvido em uma turma de alfabetização do município de Ourilândia do Norte, conhecendo os métodos utilizados pelos professores, como se dá o relacionamento professor aluno, além de refletir sobre a formação continuada oferecida para os professores alfabetizadores.

De posse dos dados da pesquisa percebe-se que o método de ensino trabalhado no município oscila entre o construtivismo e o tradicionalismo, se fixando mais no segundo.

Ao analisar os dados da observação na sala de aula, constata-se que o método que perdura na educação em quase todas as atividades desenvolvidas na escola é o tradicional, pois a maioria dos conteúdos é fragmentado, mecânico e totalmente desprovido da realidade do educando. Assim, o ensino dado na escola contribui ainda mais com o fracasso escolar, pois como se sabe, o ensino deve ser pautado na construção do conhecimento do aluno, contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem do mesmo.

O ensino tradicional baseado na fragmentação dos conteúdos não permite que o professor considere os conhecimentos prévios dos alunos, partindo do princípio de que o educando começa a aprender a partir do momento que ele frequenta a escola. Entretanto, os conhecimentos que a criança possui obtidos pela relação com o meio não são valorizados. Assim, Smolka (2003, p.56) afirma que o professor se apossa dos conhecimentos, como se ele fosse o detentor do saber, acreditando que para o aluno aprender é necessário que o professor transmita esse conhecimento. Segundo a autora, essa ilusão se dá porque o professor não possui os conhecimentos necessários sobre o seu papel como educador e não sabe de sua verdadeira função como professor na escola.

A metodologia aplicada na sala de aula da professora, não propicia ao aluno uma ampliação de seus conhecimentos através de uma participação ativa, devido a professora apontar para os educandos como desenvolver as atividades, não permitindo a reflexão do aluno diante das dificuldades encontradas no ensino, pois a leitura e a escrita são trabalhadas de forma tradicional, e para a realização de uma leitura a professora soletra as sílabas para que os alunos leiam as palavras; e ao perguntar para os alunos sobre a escrita ou a leitura ela mesma dá a resposta, por impaciência, ou mesmo por desconhecer a importância do próprio aluno pôr em jogo o seu conhecimento, para que ele se desenvolva. Isso acontece porque o professor não possui uma formação que o oriente sobre os métodos mais eficazes, que propõem à criança uma participação ativa no processo ensino-aprendizagem, construindo o seu próprio conhecimento por meio de atividades concretas, ou seja, participando ativamente do ensino como um ser que pensa, age e aprende através das interações com o meio em que vive (fora e dentro da escola).

A maioria das escritas na sala de aula se dá de forma automática, impondo ao alunado o simples ato de copiar as atividades da lousa ou de um papel para outro. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1998), o professor tem que ver a escrita como um processo de construção do aluno, propondo a ele situações que lhe permita refletir sobre ela e coloque em jogo todo o seu conhecimento prévio já construído acerca do processo.

Conforme o que fora observado pode-se chegar a reflexões e análises sobre a prática dos professores e o seu relacionamento com os alunos que, na maioria das vezes, se dá por meio da intimidação dos alunos e do autoritarismo do professor que lhes fiscaliza o comportamento exigindo uma postura rígida diante de suas ações.

Foi possível perceber que a professora impõe seu discurso para os alunos e espera que eles o aceitem passivamente. Assim, essa ação da professora faz com que os alunos se calem e se inibam, diante de suas imposições. E assim, sempre que o aluno acerta a atividade, a professora elogia, se erra, pede para apagar e fazer de novo, se o aluno diz não saber fazer a atividade, ela diz ser preguiça e se não quer fazer, ela ameaça chamar os pais, mandar embora, ou seja, seu relacionamento com os alunos é imposto conforme suas vontades.

De acordo com Davis e Oliveira (1994, p.90), para que a educação seja de qualidade a relação professor – aluno deve ser pautado na troca de experiência, onde o professor seja o elo entre o objeto de estudo e a criança, incentivando-a a participar de forma ativa, propondo-lhe desafios em suas atividades e orientando-a a sair de um método mecânico com o objetivo de promover a construção de um conhecimento mais consistente.

Na troca de influências que então acontece, o professor procura entender, a cada momento, os motivos e dificuldades dos aprendizes, suas maneiras de sentir e agir diante de certas situações, fazendo com que as interações em sala de aula prossigam de modo produtivo, superando obstáculos que surgem no processo de construção partilhada de conhecimentos. Assim, comportamentos como perguntar, expor, incentivar, escutar, coordenar e participar de debates, explicar, ilustrar e outros podem ser expressos pelos alunos e pelo professor numa rede de participações onde os indivíduos consideram-se reciprocamente, como interlocutores que constroem o conhecimento pelo diálogo.

Como se vê um ensino pautado na troca de experiências e no diálogo, a aprendizagem se faz de forma mais dinâmica e satisfatória, pois ao propor que os alunos interajam na sala de aula, o professor está sendo o elo de construção do conhecimento, contribuindo para uma aprendizagem mais produtiva e eficaz. As autoras afirmam que “Participando ativamente, os alunos tem diferentes oportunidades de coordenar suas ações tanto com a dos colegas como com a dos professores, ampliando cada vez mais a sua aprendizagem”.

A partir desses pressupostos, vê-se a necessidade de uma formação para o professor que propõe uma reflexão sobre a sua prática pedagógica, uma formação que trabalhe as suas reais necessidades e que o oriente a ver o aluno como um ser criativo e capaz de construir o seu próprio conhecimento. Porque de acordo com Teberosky e Cardoso, a maioria dos cursos de formação continuada que vemos hoje para os professores, é pensada por pessoas externas à sala de aula, que selecionam os assuntos que acreditam ser necessário para a formação do professor. Contudo, na maioria das vezes, esses estudos se tornam enfadonhos, cansativos, por não atenderem as necessidades e expectativas dos professores.

A formação continuada apontada pelas autoras, condiz com a realidade da formação que o município oferece aos seus professores, pois conforme as entrevistadas a formação municipal não atende toda a demanda, e quando atende seus conteúdos são pensados de cima para baixo, impostos aos professores e alheios as suas reais necessidades.

No intuito de promover um ensino de qualidade, o município proporcionou aos professores alfabetizadores o programa do PROFA, que atendeu uma clientela restrita, tendo a duração de um ano (2002 a 2003). Após este curso o que o município forneceu de formação para os professores nessa área, foi mais três dias de curso em 2006, os quais, de acordo com as entrevistadas, foram bons, porém não o suficiente para que os professores se inteirassem e compreendessem o processo de aquisição da leitura e da escrita defendida por Ferreiro e Teberosky. Assim, o ensino no município prossegue na sua maioria, pautado na memorização e decodificação de sílabas, palavras e frases, o que favorece ao crescimento das evasões, das reprovações, ou seja, há um aumento no índice de fracasso dos alunos nas instituições escolares.

Ao buscar compreender as razões do fracasso escolar analisando as condições em que vive o aluno e as condições com que ele frequenta a escola (sem contar as próprias condições da escola), depara-se diante de uma situação que arremete a uma visão de que as práticas educativas precisam ser repensadas, reavaliadas e conscientes de seu verdadeiro papel enquanto formadora de pessoas críticas, éticas desempenhando o exercício da cidadania.

Como se sabe, não só a escola é responsável por essa situação que está a cada dia mais se agravando. Acredita-se que mesmo se houvesse uma escola de padrão ideal (boas condições de trabalho como: materiais didáticos o suficiente, professores bem remunerados, prédios bem estruturados, etc.), ainda assim, existiria grave situação de fracasso escolar, por este não ser resultado só das instituições escolares, mas, principalmente, das condições sócio-econômicas políticas e culturais, além de problemas hormonais (algumas dislexias) que muitas crianças possuem. Mas, o verdadeiro teor desse trabalho é o fracasso causado pelas instituições escolares. Assim, é válido refletir sobre algumas interrogações: Se o aprendizado é de suma importância para o crescimento da pessoa, por que não é

levado a sério? Por que não se dá a ele a devida importância? Ou será que essa importância é dada, mas existem motivos bem mais profundos, enraizados em nosso meio, que impedem de encarar e levar adiante uma formação escolar digna de assim ser chamada?

A título de conclusão, para que haja uma educação de qualidade é necessário rever as práticas pedagógicas, refletir sobre elas, buscar informação sucinta nessa área, compreender o processo de construção das crianças e lutar por uma política que valorize o ensino como prioridade para a formação de homens competentes, que busquem efetivar a práxis em seu cotidiano. Um ser ativo, reflexivo, participativo e, acima de tudo, consciente de seus direitos e deveres como cidadão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Apud. ALMEIDA, Laurinda. PLACCO, (org.). **O relacionamento interpessoal na coordenação pedagógica**. São Paulo: Loyola, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa/ Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. Brasília: 2001

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. SP: Editora scipione, 1992.

COSTA, Doris, FREIRE, Anita. **Fracasso Escolar: Diferença ou Deficiência?** Porto Alegre: Kuarup, 1994.

DAVIS, Claudia. OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Psicologia na Educação**. SP: Cortez, 1994.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

-----, **Com todas as letras**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

-----, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FILHO, José Camilo dos Santos. **Pesquisa quantitativa versus Pesquisa qualitativa: O desafio paradigmático**. SP: Cortez, 1987.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: Ensino e Pesquisa**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

KLEIN, Lúgia Regina. **Quem tem medo de ensinar?** 3ª ed. São Paulo: Cortez; Campo Grande: 2001.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórica - prática**. 10ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2004.

VEJA: **Chuva de dinheiro**, ed.1953- ano 39. nº 16. editora: Abril. 2006.

SMOLKA, Ana Luisa Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: A alfabetização como processo discursivo**. 11ª ed. Campinas, São Paulo: Cortez; 2003.

TEBEROSKY, Ana. CARDOSO, Beatriz (org.). **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. Campinas, SP: editora da Universidade Estadual de Campinas-Petrópolis. RJ: Vozes, 1993.

ANEXOS

ANEXO I –

ROTEIROS DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

Objetivo: Analisar o processo de alfabetização no município e a contribuição do mesmo par o fracasso na aprendizagem da leitura e da escrita.

1ª Dados de identificação da instituição: (Histórico escolar: rede, localização, etc.)

P1 – Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis;

P2 – Escola Municipal de Ensino Fundamental José Cândido dos Santos.

2ª Do Entrevistado: (nome fictício, sexo, nível de instrução, etc.)

P1- sexo feminino – Ensino médio completo (Magistério)

P2- sexo feminino - Concluindo Ensino Superior (Pedagogia)

3ª Em sua opinião, como ocorre, no educando, o processo de aquisição da linguagem escrita?

P1 – A criança vai aprendendo de acordo com o contato que a mesma possui com a escrita.

P2 – A criança começa pelo nível pré silábico, silábico e aí por diante.

4ª você se baseia em alguma proposta teórica para orientar seu trabalho? Qual? De que autor (es)?

P1 – Tento basear-me nas teorias de Ferreiro, mas ainda não tenho muito conhecimento nessa área.

P2 – Fico mesclando entre os teóricos.

5ª Que estratégias você utiliza para motivar, a criança, a desenvolver o gosto pela leitura?

P1 – Trabalhando vários tipos de histórias clássicas, com CD.

P2 – textos diversificados e muita produção de texto.

6ª Quais são os objetivos que você prioriza no processo de alfabetização de seus alunos?

P1 – ler e escrever

P2 – ler e escrever

7ª Você considera sua turma homogênea ou heterogênea? Por quê? Como você lida com isso em seu fazer pedagógico?

P1 – Heterogênea, porque existem vários tipos de aprendizagem.

P2 – Heterogênea, pois cada criança possui conhecimentos diferentes.

8ª) Como é elaborado o planejamento das atividades dos alunos na escola que você trabalha?

P1 – Quinzenais todas as atividades exceto algumas porque o planejamento é flexível.

P2 - Quinzenal, e ele é feito a partir do colhimento das hipóteses de escrita das crianças.

9ª) Como você planeja suas atividades de sala de aula?

P1 - é planejada antecipadamente juntamente com o planejamento do dia

P2 - Duas atividades por dia, sendo a mesma para todos os alunos.

10ª) Como você reage diante das diferentes níveis de aprendizagem entre os alfabetizando em sala de aula? -

P1 - Sinto muita dificuldade por ser difícil, a cada dia que passa temos um desafio diferente.

P2 - é difícil, por não ter tempo. Porque sozinha para trabalhar atividades diferentes, não dá. Então trabalho uma única atividade para todos por igual.

11ª) Como é o acompanhamento ao seu trabalho por parte da coordenação pedagógica /diante das diferenças de aprendizagem?

P1 - Pouco, por ter saído de licença, no entanto busco ajuda com outras pessoas.

P2 - A escola é grande, no entanto dificulta para a coordenação acompanhar de forma mais específica.

12ª) O acompanhamento desenvolvido pela Coordenadora pedagógica te dá subsídios para que você se sinta mais segura para desenvolver o seu trabalho na sala de aula? -

P1 _ De certa forma dá, não sendo o suficiente por ter que atender a vários alunos na escola.

P2 - Sim dá, apesar de não ser o suficiente.

13ª) Você participa ou já participou de algum curso de formação que te orientasse como trabalhar com classes heterogenias? Se participou. Qual? Foi o suficiente dando subsídios para você desenvolver seu trabalho educativo?-

P1_ Sim, PROFA, Jornada pedagógica, não sendo o suficiente por serem poucas e em curto prazo.

P2 - Sim o PROFA, PCNs, não sendo o suficiente por não ter um acompanhamento direto , só foi na teoria. Seria necessária uma formação continuada que acompanhasse o trabalho do professor.

14ª) Os cursos de formação são adequados e/ou suficientes para que o professor compreenda a aquisição da leitura e da escrita das crianças?

P1 - São adequadas, não sendo o suficiente porque para trabalhar com a alfabetização o professor tem que estar bem preparado.

P2 - Não são, porque quando participamos de curso de formação não temos um conhecimento mais aprofundado dos autores que defendem as idéias então não nos propicia um maior conhecimento das teorias. Assim o professor fica sem norte, ficando perdido na sala de aula, sem saber como fazer, o que fazer e nem tão pouco o porquê de estar trabalhando determinado método.

15ª) O que seria necessário fazer para que os professores compreendessem realmente esse processo que a criança passa ao alfabetizar e saber como desenvolver um trabalho respeitando a individualidade dos alunos diante da escrita e da leitura?-

P1 - Acompanhamento mais intenso dos formadores.

P2 - Uma formação acadêmica dentro da área que o professor esteja trabalhando que amplie seus conhecimentos.

16ª) O que você acha dos cursos de formação que você já participou? Tem te proporcionado algum suporte para a sua prática pedagógica?-

P1 - Sim, foram muito bons, principalmente o PROFA, a partir deste curso mudei muito a minha visão sobre alfabetização.

P2 - De alguma forma sim, porque direta ou indiretamente a partir do momento que você participa de um curso de formação você deve aproveitar o máximo possível para adequar o estudo a sua realidade. Pois não são receitas é apenas o "anzol".

17ª) A escola oferece suporte para você trabalhar os níveis diferentes de aprendizagem? Como?

P1 - Sim, ajudando confeccionar materiais didáticos.

P2 - Não, porque os recursos são poucos ficando só no estêncil, quadro e giz, pois os órgãos competentes para esse trabalho não interessam tanto ficando somente no discurso.

18ª) As atividades são elaboradas para serem desenvolvidas em sala de aula, são as mesmas para todos os alunos? Ou há uma diversificação? Por quê?

P1 - Até o recreio a atividade é a mesma, após o recreio a uma diversificação por estar na hora do reforço.

P2 - É única o que diferencia é o texto no quadro, porque essas atividades precisam de tempo, e este é escasso.

19ª) Você acredita que é importante trabalhar de acordo com os níveis de aprendizagem e desenvolvimento de cada aluno? Por quê? É possível?

P1 - Sim, porque a diferença de aprendizagem na sala é grande, então precisamos respeitar o nível de aprendizagem de cada aluno. Isso dá trabalho, mas é possível, quando se tem um tempo para elaborar as atividades, fazer o planejamento, etc.

P2 - Sim, porque é uma forma de fazer com que o aluno não regreda, pois se o professor tiver o conhecimento dos níveis de aprendizagem dos alunos dificulta o desenvolvimento do seu trabalho. É possível quando se tem um bom salário para o professor se dedicar a uma única turma para que o mesmo tenha tempo para elaborar as atividades, etc.

**20ª) Como detectar as diversas necessidades de aprendizagem da turma?
Como atendê-las de maneira a garantir que todos os alunos aprendam?**

P1_ A partir da sondagem analisando as hipóteses de escrita. Buscar muito, pesquisando, participando de encontros, indo atrás.

P2 - Colher as hipóteses de escrita para atendê-las de forma mais individual, tendo tempo para um bom planejamento, elaboração de atividades, etc.

21ª) Em sua opinião, o que deve ser feito na educação para que diminua o fracasso escolar na alfabetização?

P1 - Buscar os pais para a escola para que eles se conscientize da importância da presença dos mesmos na vida de seus filhos. O professor ir em busca de renovações, lerem, pesquisar, etc.

P2 - é necessário que o professor da série inicial tenha um melhor salário para que possa trabalhar com uma única turma para ter mais tempo para pesquisar, ler, etc.

21ª) A quem cabe fazer as transformações necessárias na escola?

P1 - Políticos que visem uma educação de qualidade, que vêem a real necessidade da escola, além da participação intensa dos pais.

P2 - Todos os agentes que fazem parte da escola, merendeira, guarda, enfim todos envolvidos no processo educativo.

**22ª) Muitos colocam a culpa pela baixa qualidade do ensino nos professores.
Qual a sua opinião?**

P1 - A culpa não é somente dos professores, porque as vezes o professor busca até desenvolver um bom trabalho, mas por os recursos materiais não serem o suficiente este trabalho fica somente na teoria, pois na maioria das vezes o professor tem que comprar ou trazer de casa os recursos de trabalho.

P2 - Acredito que não são somente os professores os culpados por esse fracasso, pois atribuo a culpa também ao próprio aluno, pais e principalmente ao próprio sistema educacional que não fornece suporte para que se tenha uma educação de qualidade, pois a maioria dos materiais que necessitamos utilizar na sala de aula tem que trazer de casa.

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA E DIRETORA.

1ª) o que você acha do resultado da pesquisa sobre o analfabetismo feita em 32 países, onde o Brasil ficou em último lugar?

Coord. Porque a educação começou de forma errada, e poucos são os parlamentares que quer consertar os erros.

Dir.: Absurdo! Necessitamos de uma política educacional voltada para sanar essa realidade

2ª) Para você quais os fatores que contribuem para o fracasso escolar no país?

Coord. A falta de uma boa estrutura familiar, má alimentação, falta de profissionais de área específicas, como um psicólogo, fonodólogo, etc

Dir. Acredito muito na vontade do fazer político, onde se tenha a responsabilidade de governantes que dessem o suporte necessário para a educação, além da estrutura familiar.

3ª) Como sabemos a crise educacional é um fato que abrange todo o país, o que o município faz para ajudar amenizar essa situação?-

Coord. Alguns cursos pedagógicos que na maioria das vezes não atendem a verdadeira necessidade dos professores.

Dir. A proposta pedagógica, encontro pedagógico, formação continuada, porém ainda temos o que avançar porque na realidade a educação se resume na ação dos envolvidos no processo.

4ª) O que é mais urgente mudar na educação do seu município para que o ensino tenha mais qualidade?

Coord. Um salário digno para o professor, investimento maior na formação continuada e ter vontade de mudar.

IDir. Várias medidas, dentre elas a carga horária, remuneração dos professores, compromisso do professor, compromisso políticos, familiar, ações pedagógicas voltadas para o processo ensino x aprendizagem, etc.

5ª) Por que há uma distância tão grande entre o discurso e a prática dos profissionais da educação?

Coord. Porque como diz o ditado "falar é fácil, agora fazer acontecer é o difícil".

Dir. Porque falta autonomia por parte dos profissionais da educação, as vezes se tem uma boa vontade de fazer alguma coisa, mas é barrado por hierarquias que impedem o desenvolvimento do trabalho.

6ª) A quem cabe fazer as transformações necessárias na escola?

Coord. A todos os professores que nela atuam, ou seja, a transformação ocorrerá quando as pessoas envolvidas no processo ter vontade de mudar.

Dir. A toda comunidade educacional, pois não adianta só alguns quererem mudar a realidade. É necessário um compromisso de todos envolvidos no processo.

7ª) Muitos colocam a culpa pela baixa qualidade do ensino nos professores. Qual a sua opinião?

Coord. Não, a culpa não é somente do professor, mas de todos os profissionais que atuam na educação, agora cabe a cada professor a sede de mudança.

Dir. Penso que o ato de ensinar equivale ao ato de aprender. Dessa forma o professor precisa conhecer os seus alunos, as suas limitações, a sua realidade para que possa oferecer um ensino de qualidade.

8ª) Quais são as principais competências que o professor de alfabetização deve ter?

Coord. Creio que é preciso ser profissional comprometido com a prática educacional, ou seja, um professor polivalente que trabalha conteúdos com naturezas diversas, e ele também tem que ser um eterno aprendiz, sempre refletindo a sua Prática.

Dir. Desenvolver competência para despertar no aluno a vontade de aprender, de forma lúdica para chamar a atenção do aluno para que ele se envolva no processo

9ª) Você como coordenadora educacional, Como vem contribuindo para que se desenvolva uma alfabetização de qualidade na escola que você trabalha?

Coord. Oriento na medida em que posso e está a meu alcance, agora depende muito do professor que está trabalhando, ele também tem que ter a vontade de mudar.

Dir. Dando suporte pedagógico. Sou ciente da necessidade de um acompanhamento maior, mais de acordo com a realidade ofertada o que é possível.

10ª) Você acha importante que o professor desenvolva um trabalho, no qual respeita a diversidade de aprendizagem? Como é possível desenvolver tal trabalho?-

Coord. Sim, trabalhar sempre respeitando a individualidade de cada aluno, aplicando tarefas diversificadas.

Dir. Sim, conhecendo a diversidade cultural de cada um e traçando metodologias que possam desenvolvê-las.

11ª) O que você como coordenadora educacional tem feito para ajudar o professor a trabalhar a heterogeneidade dentro da sala de aula?

Coord. Toda sala é heterogeneia, portanto cabe a mim, mostrar caminhos para que esse trabalho possa desenvolver de forma significativa.

Dir. Tenho procurado o professor para dar suporte pedagógico, além de acreditar no professor e dar força para que ele coloque em prática o que acredita ser possível desenvolver na sala de aula.

ANEXO II

Observações na escola, na sala de aula e Análise Documental.

1º Dia observação na escola e Análise Documental

Características Gerais da Escola Pesquisada.

Em linhas gerais a Escola pesquisada se mostra em bom estado de conservação, a mesma é situada em um setor periférico com aproximadamente 300 famílias, possuindo ruas cascalhadas e calçadas, água encanada de poços artesianos, telefones públicos, energia elétrica, uma praça pública, posto de saúde, igreja de vários segmentos religiosos, pequenos comércios e indústria de pequeno porte. A maioria de sua população é formada de pessoas de baixa renda e pouco grau de escolaridade. Grande parte dos pais são trabalhadores rurais e mães dona de casa, sendo a mãe a única responsável pela educação dos filhos, sem poder contar com a presença dos pais, pois os mesmos têm que se deslocar para a zona rural, onde exercem suas atividades, gerando assim a desestruturação familiar.

Essas famílias por pertencerem à classe menos favorecida possuem ajuda de programas sociais para a manutenção da família, tais como: Bolsa-escola, PETI e outros.

Um dos grandes problemas sociais dessas famílias é se deparar com casas de prostituição, que incentivam a prostituição precoce, uso de drogas lícitas e ilícitas. Neste contexto, a instituição atende crianças que convivem neste meio.

A escola se encontra com muita dificuldade no que tange ao acompanhamento dos pais no desenvolvimento dos seus filhos, os mesmos por não serem conscientes da importância desse acompanhamento deixa a responsabilidade do ensino de seus filhos para a escola.

A limpeza da escola está em boas condições, a estrutura física da mesma deixa a desejar, pois a mesma não se dispõe de uma estrutura adequada para que as crianças possam desenvolver alguma atividade externa, porque apesar do loteamento ser bem amplo o mesmo não é arborizado e a quadra não é coberta, assim, todas as atividades externas são desenvolvidas ao ar livre, exposta ao sol. No entanto, para que seja possível desenvolver certos tipos de atividades é necessário um investimento maior na estrutura física da escola.

A escola se dispõe fisicamente de 7 salas de aula, sendo que 5 funciona o Ensino Fundamental 1º ano a 4ª série nos horários matutino e vespertino, e 2 salas onde funciona a Educação Infantil Jardim I e Jardim II, tendo 5 banheiros, 4 destes são destinados para os alunos (2 masculinos e 2 femininos) e um exclusivo para os professores, 1 cozinha onde é feita a merenda escolar, sala dos professores, secretaria, sala de direção, um mini – almoxarifado, 1 quadra de areia, 1 quadra poli - esportiva, 1 auditório onde é realizado as reuniões de pais, alunos e algumas festividades escolares.

Toda a escola se encontra totalmente murada, a iluminação se encontra em boas condições, a sala de aula não possui ventiladores, tendo algumas grades altas que facilitam a ventilação, apesar de não serem suficientes para arejar a sala. As salas comportam um bom número de alunos, sendo, entre 18 e 25 alunos.

A Escola pesquisada possui um quadro de profissionais com uma variação acadêmica, no qual há professores com ensino médio completo (Magistério e Educação Geral) e alguns já tendo concluído o ensino superior (letras e Pedagogia).

Os profissionais da educação desta escola afirmam participar de formação continuada fornecida pelo município como (PCNs, (com a participação da maioria dos professores), PROFA (1 professora) e alguns encontros pedagógicos promovidos pela SEMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura), pela turma de letra(2004) e pela turma de pedagogia (2002))⁸.

Esses cursos segundo alguns professores são cansativos, monótonos e repetitivos, como afirma uma professora que atua na escola pesquisada:

Para mim, esses cursos só são uma enrolação, falam sempre a mesma coisa, eu não gosto de participar, só participo mesmo para não ficar com falta no livro de ponto, pois no fim do mês vem descontado do meu salário e como o salário de professor já é pouco, aí fica ruim.

Os alunos que freqüentam essa escola são pertencentes na sua maioria de pessoas com pouco esclarecimento, de família de baixa-renda e quase nenhuma estrutura familiar. (Informações obtidas pela Secretaria escolar, Diretora, Coordenação Pedagógica, Professores e demais funcionários da escola).

A Escola sempre busca uma participação ativa dos pais, promovendo eventos como: festas de algumas datas comemorativas, reuniões e outros, mas mesmo assim a participação deles só acontece quando são chamados e na sua minoria. De acordo com algumas falas de funcionários da escola refletiremos sobre o seguinte depoimento:

A maioria dos pais quando vem à escola só aparecem no final do ano para buscar o boletim e saber se o seu filho passou ou não de ano, a maioria

⁸ Informações obtidas pela Secretaria Escolar, retiradas do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola e conversas informais com algumas pessoas que compõe o quadro de funcionários da escola.

deles desconhece até a professora que passou o ano todo com o seu filho e não sabe nem o nome dela, o mais surpreendente é quando seus filhos não passam de ano, eles ficam com raiva, falam mal, brigam e dizem que vão até a Secretaria de Educação para falar que os professores daquela escola não prestam. Engraçado, passa o ano inteiro e eles não aparecem e quando vem é para reclamar da escola.

Depoimento de uma professora da escola pesquisada.

Pelo que se percebe, a realidade desta instituição escolar não é muito diferente de muitas escolas públicas do país. Na sua maioria, as escolas buscam uma forma de incentivar os pais a participarem da vida escolar de seus filhos, mas poucas instituições têm conseguido fazer a diferença, porque as reuniões oferecidas pelas escolas são somente para dedurar os filhos aos pais e estes cansados dessa mesmice não aparecem nas reuniões.

PESQUISA DOCUMENTAL

A análise de alguns dados informativos fornecidos pela documentação escolar, referente aos dois últimos anos de 1ª série na instituição pesquisada, comprova a afirmação acima. Vejamos:

QUADRO 1

Dados referentes ao rendimento escolar do ano de 2004

Turma	Nº. matrícula	Aprovados	Reprovados	Desistentes	Transferidos
ÚNICA	38	18 (47%)	6 (16%)	10 (26%)	4 (11%)

QUADRO 2

Dados referentes ao rendimento escolar do ano de 2005

Turma	Nº. matrícula	Aprovados	Reprovados	Desistentes	Transferidos
ÚNICA	41	19 (48%)	7 (17%)	9(21%)	6 (14%)

Conforme os dados a cima, percebe-se estatisticamente que no ano de 2004 foram matriculados na escola 38 alunos, sendo que dentre eles, foram aprovados 18 (47%), reprovados 6(16%), desistentes 10 (26%) e transferidos 4(11%)

No ano de 2005 a tabela nos mostra que dos 41 alunos matriculados 19 (48%) foram aprovados, 7 (17%) reprovaram, 9 (21%) desistiram, e 6 (14%) foram transferidos.

QUADRO 3

Dados de 2004 e 2005

ANO	Nº. matrícula	Aprovados	Reprovados	Desistentes	Transferidos
2004 / 2005	79	37 (47%)	13(16.5%)	19(24%)	10 (12.5%)

Nos anos de 2004 e 2005 foram matriculados 79 alunos na 1ª série, deles apenas 37 foram aprovados (47%), 13 reprovaram (16.5%), 19 desistiram (24%), e 10 foram transferidos (12.5%).

De posse desses dados depreende-se que o índice de reprovação e evasão desses alunos é bem considerável porque de 79 alunos matriculados, 32 reprovaram ou evadiram, atingindo o percentual de 40.5%. Esse é um fato real,

entretanto, o que a escola está fazendo para amenizar essa situação? Cabe a escola refletir sobre esses números e buscar meios para reverter essa realidade. Esses resultados também deixam questões a refletir como: Quem é o culpado dessa realidade? Que fatores interferem nesse processo? O que devemos fazer diante de tal situação? Será que um dia esse caso será revertido? Como?

Essas são perguntas que exigem reflexões, pois essa realidade educacional se torna mundial e é necessário que façamos alguma coisa para amenizar tal situação.

Ao conversar com alguns funcionários da escola sobre os possíveis fatores que causam a reprovação, a evasão e o fracasso escolar na instituição pesquisada os mesmos definem que é a falta de:

- acompanhamento dos pais;
- um projeto que trabalhe a família, conscientizando-a sobre a importância da presença da mesma na vida escolar de seus filhos;
- condições física e material dos alunos;
- condições sócio-econômicas;
- afetividade;
- formação cultural;
- desestrutura familiar, etc;
- compromisso governamental.

É notório que os fatores que causam o fracasso escolar são inúmeros e a escola por não estar preparada para atender a sua clientela contribui ainda mais para esse fracasso. Entretanto, precisamos urgentemente de uma educação que tenha ideologias a alcançar, com o objetivo de elevar a educação a um patamar de qualidade no ensino.

O enfoque dessa pesquisa é refletir sobre a alfabetização e o fracasso escolar no município. Para desenvolver essa proposta vê-se a necessidade de acompanhar de perto uma turma de alfabetização, para refletir sobre a prática da professora na sala e para compreender como se dá o processo de alfabetização no município.

A pesquisa em sala iniciou-se no dia 12-09-06 na Escola MuL. de Ens. Fund. Machado de Assis, na sala da professora Y, e o objetivo da observação em sala era transcrever toda a prática de trabalho da professora, o comportamento dos alunos e os conteúdos ministrados para a turma de alfabetização.

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO NA SALA DE AULA

Objetivo: compreender a relação entre a criança e o objeto a ser conhecido por ela, a língua escrita.

1-Em relação ao aluno:

Sala de aula (a localização dentro do espaço físico da sala de aula, como é feita a distribuição das carteiras, como é o ambiente alfabetizador...).

Comportamentos que demonstram individualmente e coletivamente.

Em que está pautada a relação com a professora (intimidação, enfrentamento, indisposição, intimidade).

Relacionamento com os colegas.

Apresenta dificuldades de aprendizagem (participa, opina...).

Apresenta comportamentos diferenciados em alguma disciplina (positiva-negativa).

Como se comportam quando estão diante de algum texto.

2-Em relação à professora:

Tratamento que dispensa à turma em geral.

Como a professora trabalha a alfabetização junto aos alunos.

Procedimentos e recursos didáticos que emprega em suas aulas.

Demonstra interesse em retomar conteúdos com alunos que não compreenderam a matéria.

Como procede mediante dúvidas dos alunos.

Como trabalha a heterogeneidade dentro da sala de aula.

A professora demonstra conhecer e respeita as fases que as crianças se encontram na alfabetização.

Características da sala de aula

Ao entrar na sala, na qual seria realizada a observação, pude perceber um ambiente agradável, alfabetizador. As paredes todas pintadas de verde claro, uma pintura, apesar de velha, mas em bom estado de conservação. A mesma é composta por 30 Carteiras para os alunos sentarem, iluminação boa, uma mesa e uma cadeira para a professora, uma estante feita pela própria professora e alunos com tijolos pintados e tábuas encapadas com papel alumínio constando vários tipos de materiais como: lápis de cor, cola, giz-de-cera, tintas, alfabeto móvel, fichas de sílabas, livros didáticos, papel madeira, etc. Esses materiais ficam dentro de latas e caixas de papelão, todas bem coloridas. Tais materiais são de fácil acesso para os alunos.

As paredes são bem ilustradas, tendo um quadro. Este se torna muito ruim, (apesar do mesmo se encontrar num bom estado de conservação) porque a claridade da sala impede que as atividades feita nele sejam legíveis, para que os alunos possam copiar algum dever dele é necessário que os mesmos fiquem a todo o momento trocando de carteira para enxergar a tarefa. A cima do quadro possui um alfabeto, produzidos pelos alunos. Na parede direita um cartaz desejando boas vindas, outro com o nome dos alunos da sala e os números de forma desordenada de 0 a 9. Na parede esquerda da sala existem mais cartazes um com o desenho de um relógio e outros ilustrado com os encontros vocálicos (oi, au, uai, oia, ei uá, uau, ia, a, etc.), na parede do fundo outro alfabeto de forma desordenada com desenhos do ursinho PUF, e algumas atividades no varal desenvolvidas pelos alunos.

Vê-se a necessidade de ventiladores na sala, pois não existe nenhum e assim segundo a professora dificulta muito o trabalho, principalmente, no horário

vespertino, pois o sol neste período é muito quente e com o acúmulo de alunos aumenta mais o calor.

Segundo a professora, a sala só se encontra em boa conservação por ser ela a professora dos dois períodos. A mesma no começo do ano já exige uma sala única para ela, assim facilita uma melhor organização no ambiente e todos os alunos pegam o seu jeito de querer as coisas e a obedecem, pois o que mais detesta é encontrar a “sua sala” desarrumada.

É de praxe na escola, todos os dias antes de entrar na sala de aula, todos os alunos se dirigirem primeiro ao auditório para fazerem a oração do dia (pai nosso) e cantar uma música. Após a realização dessa rotina da escola, os alunos vão para as salas e os professores vão até a sala dos professores pegar o material de trabalho e, uns cinco minutos depois, vão para a sala de aula.

2º dia de observação:

Data: 13-09-06

Número de alunos presentes: 24

Ao entrar na sala de aula, a professora cumprimenta os alunos e, no decorrer da conversa, todos começam a cantar a Música Boneco de lata. Os alunos ficam eufóricos e pedem para cantar mais, a professora não concorda, pois diz ter muita atividade para desenvolver com eles.

A professora entrega para os alunos várias fichas e explica que cada aluno vai olhar em torno da sala, vai dizer o nome de um objeto e, juntos, irão procurar as fichas que formam esse nome e pregar no flanelógrafo. Ela aponta para uma criança e pede para que ela observe os objetos da sala e fale o nome de um deles. Antes da menina responde outro aluno grita:

A - Apagador.

A professora diz não ter perguntado nada para ele e que iria chegar a sua vez. Enquanto isso a menina solicitada para falar o nome do primeiro objeto, diz:

A - caixa.

P - Agora todos vão procurar nas fichas que eu entreguei, as letras ou sílabas que formam essa palavra.

As crianças se mostram animadas, todas tentam encontrar a ficha certa. Enquanto isso, a professora começa a falar.

P - Vamos lá, crianças! Qual é a primeira sílaba para formar a palavra caixa?

Alguns alunos dizem a sílaba correta, enquanto outros que ainda não compreenderam a sonoridade das sílabas, tentam acertar. O aluno A, encontra a sílaba ca e coloca no flanelógrafo. A professora continua insistindo e pergunta qual a outra letrinha que vem depois da sílaba ca. Uma aluna encontra a letra i e a coloca junto da sílaba encontrada. Depois de muito insistir, um aluno encontra a sílaba xá e junta com as outras sílabas no flanelógrafo para formar a palavra caixa.

Ao término dessa palavra, a professora indica outra aluna para ditar o nome de algum objeto que se encontra dentro da sala. A criança diz:

A – Papel, professora.

P - Quais as sílabas que formam a palavra papel?

Um aluno responde:

A - A sílaba ta, professora.

Ela mostra não ter gostado da resposta do aluno e diz:

P - Será que vocês ainda não aprenderam? Nós já estudamos palavras que possuem estas letras! Observem direito.

E torna a repetir a palavra de forma que expressa bem a sonoridade de cada sílaba. Um aluno acerta a sílaba. Então, ela se mostra animada e o elogia perante os outros:

P - Muito bem R. Ta vendo, crianças? Ele está prestando atenção. Vê se vocês também comecem a prestar atenção, viu?!

Depois de terem encontrado a sílaba pa, eles procuravam a outra sílaba. Tentaram várias, até que falaram a sílaba pe. A professora falou que faltava uma outra letrinha, eles falavam que estava faltando a letra u. A professora falava que não era essa a letra. Depois de muito tentarem, ela explicou:

P – Olha! Observe a tia falando a palavra pa-pel. Quando eu falo o pel, a minha língua sobe. Tentem vocês para ver. A tia já falou que quando vamos falar uma palavra e a língua sobe, essa palavra se escreve com a letra...

Uma criança responde:

A – Com a letra L, professora.

P - Muito bem R, você está de parabéns!

E assim, a professora continuou até todas as crianças ditarem as palavras. Quando terminaram, a professora entregou a eles uma atividade mimeografada e pediu para que escolhessem do quadro as palavras que quisessem e escrevessem nas linhas indicadas da atividade.

3º dia de observação

Data: 12/09/06

Número de alunos presentes: 23

A professora entra em sala e cumprimenta todos os alunos:

P - Bom dia!

A - Bom dia!

P – Olha! Tem alunos que estão faltando muito às aulas, Se continuar, eu irei chamar os pais desses faltosos para conversar. Gostaria que vocês me respondessem o que acontece com esses alunos que faltam muito?

Os alunos respondem em coro:

A – Reprovam, professora!

P – Pior do que isso, além de reprovar ainda não aprende nada!

P – Agora, vamos abrir o caderno que nós vamos corrigir o dever de casa, as continhas. Quem errou, conserte; quem acertou, passe um cezinho em baixo da expressão e depois que terminar, coloque os cadernos em cima da mesa. E os alunos que não vieram ontem copiem as continhas do quadro.

P - Vamos lá, M! Senta e copia as continhas.

No mesmo momento, a professora começa a apontar os lápis de alguns alunos e um aluno pergunta:

A- Tia é para fazer só essas continhas do quadro?

P - É sim!

Após ela responder para o aluno, ela fala:

P - Por favor, todos desocupem as mãos.

E apontando para o quadro pergunta:

P - Algum de vocês poderiam me dizer que número é este aqui?

A - 2.

P - Então coloque dois dedos em uma das mãos. E que número é este outro?

A - 1

P - Então coloque o número 1 na outra mão.

P - Muito bem! Agora vamos contar os dedinhos: 1, 2, 3. Muito bem! Quem acertou coloque o cezinho de certo na continha.

P - Agora a continha é $8+6$. No entanto, vamos virar para o coleguinha e um coloca oito dedinhos levantados nas mãos e o outro coloca 6 dedinhos. Agora contam juntas as mãos dos dois.

No desenrolar da atividade, alguns alunos levantam da carteira e a professora pede para eles se sentarem. O aluno senta e ela continua explicando. De repente, um dos alunos fala:

A - Professora, o resultado daquela continha (aponta para o quadro) deu 14.

P - Espere aí, nos ainda não chegamos nessa conta, ainda vamos chegar lá.

E assim, continuou até chegar à expressão que o aluno tinha dado o resultado.

A - Num falei, professora, o resultado deu 14. Assim como eu falei!

P - Certinho.

Nessa hora, todos querem mostrar o resultado das expressões que eles tinham encontrado a solução. Ela dá uma volta na sala e olha o caderno dos alunos por alto.

P - Desocuparam as mãos de novo? Se não, eu vou parar de corrigir a tarefa com vocês, e não vou ajudar ninguém.

Durante toda a atividade, a professora não parava de chamar a atenção dos alunos. Veja algumas reclamações feita por ela:

P – Meninas, calem a boca, porque vocês estão atrapalhando a minha aula.

P – A, senta direito!

P – M, vira para o quadro!

P – M, você mudou de lugar só para me atrapalhar!

P – R, você está me atrapalhando.

P – M, você está atrapalhando de novo! Dá para parar.

P – A, deixa a brincadeira para a hora do recreio.

Ao terminar de corrigir as continhas, a professora pediu para que os alunos fossem para o parquinho brincar, durante uns 5 minutos, para que os mesmos esfriassem a cabeça, pois a próxima atividade também era de matemática e ela queria que todos estivessem bem descansados. Enquanto isso, a professora agrupou as carteiras da sala em grupos de 3 em 3.

Ao entrar na sala novamente, os alunos se sentaram. Alguns deles não gostaram do lugar onde foi apontado pela professora para que eles se sentassem. Eles reclamam. Mas a professora se torna irredutível. Eles sem opção se sentam.

Uma aluna não quer sentar com ninguém, a professora pergunta se ela quer ir embora, a criança responde que não. A professora fala:

P – Pois então se sente onde eu coloquei a sua carteira.

A criança se dirige ao grupo. Quando chega não é bem recebida pelos alunos. As outras crianças a ignoram e dizem não querer ela naquele grupo. A mesma vira a sua carteira, ficando de costas para o grupo, mas durante todo o tempo, as crianças não param de implicar com a menina. A professora não se atenta

para a situação e, assim, continua o seu trabalho. Entrega uma atividade mimeografada para os alunos e começa explicar o exercício contido na folha.

P - Na 1ª questão tem uns jarros, em cada um desses jarros tem um número. E vocês vão desenhar a quantidade de flores indicada em cada jarro. Na 2ª questão tem algumas continhas e, na 3ª, é para vocês escreverem de 0 a 40.

A mesma ainda adverte:

P - Olha! Eu não quero as minhas tarefinhas, que entreguei para vocês, amassada, rasgada e nem tão pouco suja, quero elas limpinhas do jeito que entreguei.

Durante a execução da atividade, a professora fica circulando na sala, de carteira em carteira, para ajudar as crianças. Depois de certo tempo, ela se senta em uma carteira ao lado de sua mesa. Então os alunos começam a fazer perguntas sobre a atividade, pois os mesmos não mostraram compreender os conteúdos da atividade.

Nesse vai e volta de alunos, teve um caso que me chamou a atenção: a menina que não foi aceita no grupo, chegou até a professora para que ela a ajudasse e falou:

A - Professora, eu não sei fazer essas continhas.

P - Você sabe sim, o que você tem é preguiça.

A aluna continuou insistindo com a professora e, esta, envolvida com outros alunos não lhe dá atenção.

Enquanto isso, a professora sai da mesa e vai até as carteiras dos alunos e a criança continua no mesmo lugar. Depois de certo tempo, ela cansa de esperar a professora, vai se sentar e permanece calada em sua carteira pintando a sua tarefa. Depois de certo tempo, a professora vai até a lousa, começa a escrever os números de 0 a 40 e pede para que os alunos copiem na atividade. Ao terminar de escrever os números na lousa, ela retorna as carteiras para certificar-se que todos estavam copiando. E assim, continua até terminar a aula.

4º dia de observação**Data: 13/09/06****Número de alunos presentes: 16**

Ao entrar na sala, a professora cumprimentou todos os alunos e os convidou a ficar de pé, pois iam cantar uma música de entrada. E perguntou para eles qual a música que queriam cantar? No momento, todos falavam nome de músicas diferentes, mas a professora logo resolveu o problema, falando:

P - Hoje iremos cantar a música que tem mais alunos querendo, amanhã cantaremos a 2ª mais votada e assim por diante.

Alguns alunos não gostaram, mas se já tinha sido decidido, fazer o quê? A música que obteve mais votos foi Boneco de lata.

Depois de terem cantado a música, a professora pediu para que todos prestassem atenção, pois iria explicar a atividade que vinha a seguir.

P – Olha, estou entregando uma atividade mimeografada para vocês e peço que cuidem bem dela, porque não quero que amassem, rasguem ou rabisquem. Quero-a bonitinha, do jeito que entreguei para vocês. Na primeira questão tem o desenho de uma fadinha e do lado dela tem o comando pedindo para que pesquisem novas palavrinhas com a letrinha F de fada.

A professora entregou a tarefa para os alunos e junto lhes entregou um livro para que cada aluno procurasse palavras que comesçassem com a letra F. Os alunos se mostraram eufóricos com a atividade, de repente, uma aluna fala:

A – Professora, encontrei uma palavra.

P - Muito bem! Agora circule a palavrinha.

Nesse momento, a professora foi até a criança ver a palavrinha, depois se dirigiu até a lousa e copiou a palavra encontrada pela criança e a partir daquela

palavra, reforçou para os outros alunos como desenvolver a atividade. Nesse intervalo uma criança grita:

A- Professora! Achei uma palavrinha também.

A professora vai até a carteira para ver a palavra e fala:

P - você só pode estar brincando comigo, foi palavra com essa letra que pedi?

A - Não!

P - Então procure só com a letra que indiquei.

Durante a execução da atividade, todos os alunos se mostravam interessados, e ficavam eufóricos a cada palavra que encontravam. A professora estava sempre circulando na sala de carteira em carteira, pedindo que a cada palavra que fossem encontrando era para escrever na atividade. Esta atividade foi bem aceita pelos alunos, apesar da professora estar sempre reprovando os alunos que não acertam as palavras.

5º dia de observação

Data: 13/09/06

Número de alunos presentes: 19

Ao entrar em sala, a professor cumprimenta os alunos com um Bom dia! Arruma as carteiras em 2 fileiras para os alunos se sentarem. Em seguida, chama a atenção do aluno U. devido o mesmo estar indisciplinado na hora da oração⁹. Todos

⁹ - atividade desenvolvida cotidianamente no auditório da escola com todos os alunos, nessa atividade é feita a oração do dia (Pai Nosso) e cantam uma música de entrada (Bom dia sol). Nesse momento todos os alunos são

os alunos opinam, reprovando a ação do aluno. Após ter chamado a atenção do aluno, a professora mostrou à turma umas folhas em branco. Entregou a eles, pediu para que fizessem o desenho que quisessem (a atividade era para ser desenvolvida livremente) e fizessem silêncio, pois durante a atividade que eles iriam desenvolver, ela ia fazer a leitura individual e se todos ficassem conversando, ela não iria ouvir a voz do coleguinha que estava lendo. Assim, as crianças começaram a fazer os desenhos, a professora chamou um aluno e começou a leitura.

Essa leitura, segundo a professora, é desenvolvida 3 vezes por semana.

Durante a leitura, a professora cola no caderno do aluno uma atividade mimeografada, nesta atividade estão as famílias silábicas e palavras que serão lidas pelos alunos. Nesse período, a professora faz as intervenções de acordo com a necessidade do momento. Observe uma situação de leitura:

P - Vamos ler?

A aluna, ao ver a atividade, diz:

A – Professora, eu não conheço essa letra.

A professora pede para que a aluna leia o alfabeto que tem na parede. A criança lê. E a partir dessa leitura, ela identifica a letra da palavra. E mostra não saber juntar as sílabas. Então, a professora a ajuda:

P- N com A

A - Na

P- N com E

A - NE

P- N com I

A - NI

P- N com O

A - NO

P- N com U

A - NU

P - Então fala à família que você leu.

A - NA, NE, NI, NO, NU.

Para ler a palavra, a professora a ajuda também. Vejamos:

P- C com A

A - CA

P-N com U

A - NU

P- D com O

A - Do

P - Então como fica a palavra?

A – CANUDO

E assim, a professora continua durante toda a leitura. Ao término da leitura feita por cada aluno, a professora registra em seu caderno de anotações o nível em que a criança se encontra. A mesma utiliza letras e símbolos que define o conceito do aluno na leitura. As letras utilizadas são: O (Ótimo), B (Bom), R (Regular), + ou – (segundo a professora, esse mais ou menos significa que o aluno está entre o bom e o regular).

Durante algum tempo, os alunos permanecem sentados, desenvolvendo a atividade (desenho), mas no decorrer da aula, os alunos começam a ficar inquietos. A professora chama a atenção deles. Nada adianta. No entanto, ela pede para os alunos que já tinham lido ir para o parquinho, ficando em sala somente os alunos que ainda iam ler.

Enquanto as crianças liam, alguns alunos que tinham ido para o parquinho começaram a entrar e sair da sala. Por várias vezes, a professora parou a leitura, foi até os alunos e falou:

P - O que vocês estão fazendo na porta da minha sala?

Os alunos saíram correndo e voltaram a brincar. A professora retomou a leitura e assim continuou até o término da aula.

6º dia de observação

Data: 16/09/06

Número de alunos presentes: 13

A professora entra em sala e já começa a explicar para os alunos a atividade que irá desenvolver e, no ensejo, a mesma já pede para que eles se comportem durante a execução da atividade.

Ela explica que a atividade será desenvolvida com tinta guache e que é para todos tomarem cuidado para não se sujaem, nem sujaem a parede. A única coisa que ela quer que suje, seja o dedo polegar, pois a professora afirma que para trabalhar com tinta não é necessário que outra parte do corpo seja tocada na tinta.

A professora pega uma atividade, coloca o dedo polegar na tinta e pinta a tarefa para os alunos virem como desenvolver a atividade.

Todos observam atentamente.

Durante a explicação, um aluno fica conversando. A professora reclama:

P - J, você está conversando muito, se continuar vou te colocar para fora da sala, apesar de você querer muito que você participe desta atividade.

Depois de toda a explicação, a professora coloca as tintas em cima da mesa e todos ficam eufóricos, falando a cor da tinta que querem pintar a tarefa. Em seguida, entrega a atividade (mimeografada) para os alunos e pede que primeiro deva colocar o nome deles para que depois ela possa saber de quem é a tarefa.

Para que a atividade seja desenvolvida, a professora pede para que eles se agrupem de quatro em quatro, porque a tinta é pouca e não dará uma para cada aluno, e no mais não foi possível que escolhessem a cor da tinta que queriam pintar, a professora teve que optar por eles, por não haver tinta suficiente para trabalhar no individual.

Segundo a professora, fica difícil desenvolver qualquer tipo de atividade diferente, pois o material da escola não é suficiente. Se precisar de uma tesoura, não tem.

Durante o desenvolvimento da atividade, a professora sempre reclama:

P - M, Você tem que olhar só para a sua atividade.

P – J fica quieto;

P - A atividade deve ser feita por vocês bem caladinhos, se não, não irá ficar perfeita.

Enquanto isso, a professora ficava circulando na sala de carteira em carteira, orientando os alunos.

Os alunos iam terminando a atividade, colocavam-na no canto da sala para secar e iam lavar as mãos. De repente, um aluno que ainda não tinha terminado a tarefa, fala:

A – Olha! Essas tintas que têm dá para pintar o desenho da cor da bandeira do Brasil: verde, amarela, azul e branca.

Mas, em seu grupo só tinham as tintas verde e azul. Então, ela andou pelos outros grupos, pedindo emprestadas as tintas amarela e branca. Ao pegá-las, pintou o seu trabalho com as cores da bandeira nacional.

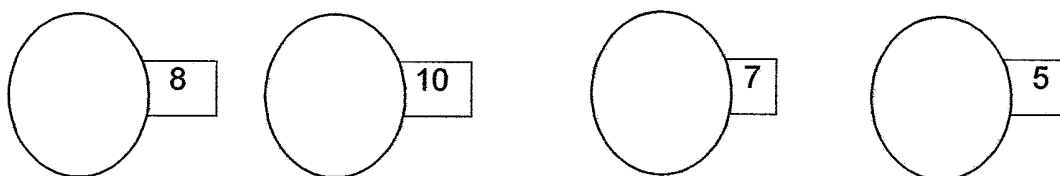
7º dia de observação**Data: 16/09/06****Número de alunos presentes: 15**

A professora entra na sala, cumprimenta os alunos e começa a arrumar as carteiras em 3 fileiras. Ao arrumar as carteiras, a professora pega os cadernos de dever da escola dos alunos e explica como será desenvolvida a atividade,

P – Olha, a atividade de hoje será escrita no quadro, vocês terão que copiar nestes cadernos (aponta para os cadernos em cima da mesa) e tem que prestar bastante atenção, porque eu quero que copiem em cima da linha do caderno. O aluno que fizer o dever fora da linha vai apagar e fazer de novo.

Exercício escrito na lousa:

Desenhe os elementos de acordo com as etiquetas



2ª Resolva as continhas:

$3 + 4 =$	$5 + 3 =$	$6 + 3 =$	$8 + 2 =$	$4 + 4 =$
$2 + 3 =$	$4 + 5 =$	$8 + 1 =$	$3 + 2 =$	$1 + 5 =$

3ª Escreva de 0 a 50.

Durante a execução da tarefa, a professora ficava circulando entre as carteiras dos alunos, orientando-os a resolver as questões.

No decorrer da atividade, a professora sempre ficava pedindo para que alguns alunos copiassem, pois se negavam a fazê-la. Veja algumas falas da professora:

P - M, se ficar só olhando, você não vai aprender a fazer;

P - C, se você ficar conversando, eu vou mandar você ir embora;

P - Psiu! Estão atrapalhando a minha aula;

P - M, vamos trabalhar?

P - C, você vai fazer a tarefa ou não? Se não fizer, vai para a sua casa;

P - F, copie se não depois você vai ficar chorando, dizendo que fez muita atividade;

P - M, se deixar de fazer a tarefa, você vai ver na hora do lanche.

Alguns alunos pediam a sua ajuda e ela os orientava assim: dizendo o número de objetos que deveriam ser feitos nos círculos, como contar nos dedos para resolver as continhas, como escrever de 0 a 50. Observe as falas durante a atividade.

A- Tia, tá certo?

P – Sim, está! Quem fez para você?

A - Fui eu, professora.

P – Muito bem! Agora vá se sentar.

Outra aluna:

A – Tia, ta certo?

P – Não! Apague e tente de novo, porque você soube fazer correto!

Assim, os alunos resolveram as questões e foram para o parquinho brincar. Enquanto isso, a professora organizava as carteiras para a aula de reforço. Nessa aula, só ficaria alguns alunos que não “sabem” ler. Os outros alunos iriam para casa.

A professora chama os alunos do reforço. Alguns destes não querem ficar na aula. No entanto, ela explica ser necessário, porque eles não sabem ler e só sairão mais cedo quando aprenderem. Em seguida, ela entrega para eles o alfabeto móvel e pede para que eles façam o nome deles em cima da carteira com as fichas do alfabeto. Alguns conseguem, outros não. A professora ajuda aqueles que não conseguem. Veja algumas situações durante a atividade:

A - Tia, que letra eu coloco para fazer o meu nome?

P - Coloca a letra F e depois as outras letras que faltam.

A - qual é a letra F, tia. Eu não sei...

P – Olha, leia o alfabeto da parede que você vai conseguir.

O aluno tenta ler o alfabeto, mas mesmo com o alfabeto à sua frente ele não conhecia as letras. Enquanto isso, outro aluno pergunta:

A – Tia, qual a letra que coloco com a letra M para fazer o meu nome?

P - Olha, é só você falar o seu nome que você vai saber.

Nesse momento, bate o sino para irem embora, os alunos entregam as fichas e saem.

8º dia de observação**Data: 16/09/06****Número de alunos presentes: 17**

A professora entra em sala às 07:15 h, cumprimenta os alunos e todos respondem em coro:

P - Bom dia!

A - Bom dia!

A professora iniciou a aula explicando a atividade do dia, relatando para os alunos que o dever era uma música de roda. E perguntou se todos conheciam a música. Então, ela começou a cantar.

P - Corre cutia

De noite e de dia

Debaixo da cama

De dona Maria.

Ao cantar à música, a professora perguntou novamente se todos os alunos já conheciam a letra daquela música. Alguns responderam que sim e outros que não.

Então ela falou que para desenvolver a brincadeira, seria necessário que todos fossem para o auditório, pois aquele espaço era pequeno.

Chegando ao auditório, o mesmo estava sendo lavado. Então, a professora pediu para que todos fossem para o pátio da escola.

Ao chegarem ao pátio, a professora pediu para que os alunos fizessem uma grande roda, todos ficassem sem pegar nas mãos, caso não fizessem o que ela pedira, seria necessário que todos fossem embora para suas casas, porque da forma que estavam não daria para continuar. Em seguida ela pediu para que todos se agachassem, mas que tomassem cuidado para não sujar as mãos, pois ao terminar aquela brincadeira, todos iriam para a sala fazer a tarefa e ela não queria a sua tarefa suja. Todos os alunos se agacharam e a professora se retirou, por um momento, para pegar um objeto que substituísse a cutia. Ao chegar, a professora pediu para todos cantarem a música. E começou a explicar como seria a brincadeira:

P - Ao cantar a música, é para um aluno ficar correndo em torno das crianças. Quando a música terminar, é para colocar o objeto atrás de uma delas e sair correndo. A criança que ficou com o objeto atrás deverá pegá-lo e sair correndo atrás da criança que colocou o objeto, até ela chegar ao local que seu colega estava agachado.

No decorrer da atividade, dois alunos não estavam se adequando às normas da professora, no entanto, ela pediu para que eles fizessem o favor de sentar para que os outros pudessem continuar a brincadeira. E assim continuou.

Ao término, a professora perguntou a todos se foi boa a brincadeira e eles responderam em coro que foi. Então ela chamou os dois meninos que ficaram de castigo e foram à sala.

Ao chegarem, a professora falou que iria contar até três e ao terminar a contagem era para cantarem a música. Nesse momento, algumas crianças reclamaram por não terem corrido na hora da brincadeira. A professora falou que ao terminar de desenvolver a atividade, ela iria brincar com eles novamente. Assim, ela pegou uma atividade mimeografada e mostrou para os alunos a atividade que seria desenvolvida por eles a partir da música de roda que cantaram. Só havia um impasse na execução da atividade, pois precisariam de cola e a cola que se dispunha na escola eram apenas 6 vidros. Entretanto, seria necessário que formassem 6 grupos para desenvolver a atividade.

A professora entregou para os alunos a atividade e todos começaram a organizar seus grupos, (sendo eles mesmos que escolhiam seus colegas de trabalho). Quando terminaram de formar os grupos, a professora falou que só entregaria o envelope quando eles calassem a boca. Os alunos continuavam conversando, a professora se dirigiu para a sua mesa, cruzou os braços e ficou só observando. Alguns olhavam e chamavam a atenção dos colegas. Ao ver que não iriam parar, a professora continuou a atividade, entregando aos grupos a tarefa mimeografada e os envelopes contendo a letra da música.

Ela pediu que, em primeiro lugar, escrevessem seus nomes nas atividades. Em seguida, ela entregou os vidros de cola e recomendou que não usassem muita cola. Depois pediu para que todos abrissem o envelope e tomassem cuidado para não perder nenhum pedacinho (palavra) e que cada um deveria tomar cuidado com os seus pedacinhos para não perderem.

Todos abrem o envelope e a professora pergunta:

P - Já podemos colar qualquer palavrinha?

Os alunos respondem em coro:

A - Não!

P - Então, toma cuidado. Temos um texto acima para auxiliá-los. É só consultar o texto que conseguirão encontrar a palavra correta.

A professora começou a circular nos grupos, orientando-os como desenvolver a atividade. Durante a execução da mesma, alguns alunos falam:

A - tia, eu não tenho a primeira palavra.

P - Tem sim, é só procurar que tem.

A Tia! É esse pedacinho aqui?

P - O que você acha? Confere na música que esta a cima?

A - Tia está faltando um pedacinho.

P - Não está! É só prestar atenção.

A – Tia, me ensina aqui!

A - É esse pedacinho aqui, tia?

P – É, meu bem! Está certinho.

Os alunos se mostravam eufóricos e procuravam encontrar as palavras certas. Apesar de solicitarem a presença da professora a todo instante. A mesma pedia para que tivessem calma, pois estava ocupada, mas ela já estava indo aos outros grupos. Alguns não conseguiam esperá-la e iam ao seu encontro para perguntar se seria aquele pedacinho (palavra). A professora explica a tarefa novamente, pedindo para que todos olhassem acima da tarefa, observando o texto e seguindo a ordem das palavras.

A professora se mostrava sem saber o que fazer, pois não conseguia atender a todos ao mesmo tempo.

E assim, durante toda a atividade, os alunos continuavam atrás da professora, solicitando a sua ajuda. Enquanto isso, ela ia de grupo em grupo.

Ao se dirigir ao grupo, a professora circulava no texto a palavra que deveria ser encontrada pelo aluno. Alguns, para chamar a atenção da professora, gritavam por ela, até a mesma ir até eles. No momento que alguns alunos iam terminando de fazer a atividade, eles iam para o parquinho.

Alguns alunos terminaram mais rápidos que outros, ficando alguns grupos que tinham dificuldades em executar a atividade. Então falavam:

A- Tia, por favor, vem aqui me ajudar.

P – Espere um pouco, eu já vou.

O euforismo continuou durante toda a atividade.

Ao terminar, todos os alunos foram para o parquinho, e a professora varreu a sala, pois a mesma se encontrava suja de papel. Após varrer, a professora pediu para que todos retornassem para pintar o desenho da atividade.

9º dia de observação

Data: 16/09/06

Número de alunos presentes: 15

Ao entrar na sala, a professora cumprimenta a todos com um saudoso "Bom dia!", e todos respondem em coro:

A- Bom dia!

Em seguida, a professora começou a arrumar as carteiras da sala, colocando-as em duas fileiras. Enquanto ela arrumava as carteiras, alguns alunos conversavam. Ela, mais que de repente, chegou aos alunos e falou:

P - Vocês querem ir embora para as suas casas?

Todos responderam:

A- Não!

A professora fala:

P - Então fiquem calados!

Após esse episódio, a professora começou a falar sobre a atividade que seria desenvolvida. Então ela pediu para que todos os alunos prestassem atenção na atividade. Enquanto isso, ela fala:

P – M., você quer fazer o favor de parar de mexer com sua colega? Pois se você continuar assim, vou colocar você para ir embora.

Depois, a professora começou a explicar a atividade:

P_ Vou entregar, para vocês, uma atividade que possui o nome de vários objetos, pessoas. Todas essas palavras estão misturadas e vocês terão que separar esses nomes de acordo com a classificação.

Nesse momento, ela desenha na lousa uma tabela indicando as classificações dos nomes. Vejamos:

Animais	Frutas	Pessoas	objetos

Durante esse trabalho, a professora perguntava para os alunos que objetos pertenciam a cada classe. Os alunos respondiam atentamente. Enquanto a professora explicava, alguns alunos conversavam. Então a professora reclama:

P - Se vocês continuarem com esse comportamento, irei trocar todos vocês de lugar.

Ao ouvir a professora, todos ficam em silêncio. Então ela entrega a atividade mimeografada para os alunos e pede para que leiam o primeiro nome que se encontra na tarefa. Um dos alunos diz:

A- O nome é Samara, tia.

P - Todos concordam que o nome é Samara?

A – Sim, professora.

P - Muito bem! Agora, a que classe pertence à palavra Samara?

A – Pessoas, tia.

P - Muito bem! Agora vamos procurar na tabela o nome de pessoas para colocar o nome da Samara.

A professora se dirige ao quadro e escreve a palavra Samara, na coluna que indica o nome de pessoas. Assim, a professora continua a atividade, pedindo para que cada nome fosse lido por uma criança diferente. Após a leitura feita pela criança, à professora perguntava a que classe a palavra pertencia. Os alunos que não sabiam ler, ela ia até eles e os ajudava. Veja o exemplo de uma leitura:

P – Que nome é esse aqui?

A – Não sei, professora!

P – Vamos lá. B com O

A – BO

P – L com A

A – LA

P – Agora vamos ler: B com O + L com A

A – BOLA

P – Muito bem! Agora, gente, a que classe pertence à palavra bola?

Todos os alunos responderam em coro:

A- Objetos.

P - Muito bem! Agora coloque esse nome na coluna de objetos.

E assim continuou com todos os alunos. Quando eles liam as palavras indicadas pela professora, ela escrevia o nome na tabela feita por ela no quadro. E os alunos escreviam na atividade. E durante a execução da atividade, a professora sempre reclamava do comportamento dos alunos. Veja:

P - J, se você se sentar direito, você fará a atividade bem melhor.

P- M, Vamos ler e escrever palavrinhas aqui.

A - Eu não sei ler, professora!

P - Então vamos aprender. A, B com A, C com A e X com I

A - ABACAXI

P - Muito bem! Gente, o M. disse que a palavra é abacaxi. E que classe esta palavra pertence?

Todos respondem em coro:

A - Frutas.

Um dos alunos vai até a professora, e pede para ir ao banheiro. Ela fala:

P - Só vai quando você aprender a se sentar direito. Quando eu ver isso acontecer, você vai ao banheiro.

Enquanto isso chega uma professora na porta da sala e chama a professora, as duas ficam conversando durante alguns minutos e os alunos ficam conversando uns com os outros. Ao retornar para a sala, ela fala:

P - agora podem retornar a atividade que eu já estou aqui dentro com vocês e perdão por eu ter dado uma saidinha.

E assim, continuou o seu trabalho.

P - Vamos lá, vamos ler a próxima palavrinha.

A aluna leu a palavra soletrando. Vejamos:

A- L com E, A com O, fica Leão, professora.

P - Muito bem! E agora, a que classe essa palavra pertence?

Os alunos respondem:

A - Animais.

Agora vamos continuar lendo. Todos os alunos estavam fazendo a atividade. A professora se mostra muito satisfeita ao ver os alunos lendo as palavras. Ao terminar a atividade, a professora pede para os alunos pintarem o desenho. Os lápis eram poucos para que todos os alunos utilizassem. Então ela falou que eles deveriam ter esses materiais, porque os da escola não eram suficientes para todos. Ela pegou os lápis que tinham dentro da caixinha e os colocou em cima de uma carteira, explicando que, na medida em que fossem precisando dos lápis, pegassem e trocassem de acordo com a necessidade.

Ao terminarem essa atividade, eles saíram para merendar e após merendar, foram embora.

10º dia de observação

Data: 21/09/06

Número de alunos presentes: 15

Quando saímos do momento de oração, fomos direto para a sala de aula. Ao chegarmos, a professora de imediato começou a organizar as carteiras em 2 fileiras. Ao terminar, a professora saudou os alunos com um bom dia, todos responderam em coro. Nesse ínterim, umas das crianças ainda brincava com uma boneca, mostrando-a à sua coleguinha, quando a professora a adverte:

P - Se você não guardar essa boneca agora, eu irei te tomar e só te entrego no final da aula.

A aluna com essa advertência, guardou a boneca mais do que depressa. Minutos depois, a professora chamou a atenção dos alunos, porque os mesmos estavam faltando muito. Ela perguntou para os alunos:

P - O que acontece para quem falta muito?

A- Reprovam de ano.

A- Também, mas o mais importante é que não aprendem nada!

Depois de conversar com as crianças, ela começou a explicar a atividade do dia.

P – Bom, crianças! Como todos nós temos uma data de aniversário, hoje estamos comemorando o dia de quê?

A- Dá árvore.

P- Muito bem! O que a árvore nos dá?

A- Frutos, folhas, sombra.

P - E o que a árvore é nossa?

A- Amiga.

B- P - Muito bem! Se ela é nossa amiga, como devemos tratá-la?

A- Com respeito, carinho, amor.

P - Devemos cortá-la?

A- Não.

P - Por quê?

A- Porque se cortar, ela fica triste e chora.

P – Então, hoje é o aniversário da...?

A- Árvore.

B - Muito bem! Agora eu gostaria de saber, se todos os alunos trouxeram lápis de cor, porque todos os dias eu peço.

A - professora, mas eu não tenho dinheiro.

P - Tem sim, é baratinho, é só um real (R\$ 1.00).

A- Mas, minha mãe não me dá.

P- Está bem.

A professora pega a sua caixinha de lápis de cor, coloca em cima da mesa e entrega para os alunos uma atividade mimeografada de uma árvore para que pintem. Os alunos começam a pintar, os que não têm lápis de cor vão até a caixinha, pegam um lápis e depois que o desocupam, o trocam por outro, porque não tem lápis suficiente para todos.

Enquanto os alunos estão pintando, a professora começa a fazer a leitura individual. Quando a criança começa a ler, chega à sala a secretária e a supervisora. Pedem licença e entram, perguntando para a professora o número de alunos que precisam de reforço. A professora entrega o número e elas saem agradecendo.

A professora me perguntou:

-Será que elas vão fazer um projeto de reforço?

Eu também não soube responder.

E assim a professora retomou a leitura.

O aluno mostra não conhecer as letras, mas a professora pede que ele leia o alfabeto. Ao lê-lo, o aluno mostra sabê-lo de cor e acerta a letra.

A professora pede para que o aluno forme a sílaba, veja:

P – Bom você já falou que essa letrinha é C e agora como ela fica com essa outra? - apontando para a outra letra.

A - Não sei professora.

P- Sabe sim, é só juntar as duas.

A- C com A...- CA... é, professora?

P – Isso. Eu falei que você sabia! Agora continue.

O aluno tentou ler o alfabeto e falar a outra letra, mas não conseguiu.

A professora reclama:

P - Está vendo o que dá ficar brincando todo dia na sala? Você não aprende nada, e têm que ficar de reforço todas às vezes, porque não sabe.

Depois de chamar a atenção da criança, ela pede para que o aluno se sente e chama outra criança.

Enquanto a professora está pegando a leitura de uma aluna, é obrigada a parar porque se sente incomodada por uma criança estar merendando durante a atividade. Então fala:

P - Guarde essa bolacha, pois se você não guardar eu tomo ela de você e guardo.

A aluna imediatamente guarda a bolacha. Então a professora retorna a leitura.

Ao terminar a leitura com a criança, a professora pede licença, fala para eu ficar um pouquinho com os alunos e sai. Depois de uns 3 minutos, ela retorna com uns gibis e fala para os alunos que, assim que eles forem terminando de pintar, peguem um gibi para ler.

Enquanto isso, a aluna que estava lendo, chama a professora para continuar a leitura.

A professora continua a leitura e pergunta para a aluna

P - Como é esse nome?

A - Não sei.

P - Então fala o nome desta letra. (apontando para a letra R)

A - R.

P - E agora?

A - R com O... RO... Rosa!

P - Isso!

Nesse momento, a professora se mostra alegre porque a aluna acerta a escrita da palavra. Em seguida, ela pergunta o nome de outra letra para a mesma aluna. Ela mostra não saber. Então a professora pede para que ela leia o alfabeto que está exposto na parede. Ao lê-lo, consegue falar o nome da letra que a professora está perguntando. E fala:

A - D, professora.

P - Então, D com O.

A - DO.

A professora pede licença, sai novamente, falando para os alunos irem ao parquinho porque da forma que estavam não dava para continuar a leitura, devido estarem a todo o momento solicitando a sua presença diante das dificuldades encontradas no texto que liam.

Então a professora fala:

P - Os alunos que já leram, vão para o parquinho e ficam na sala só os que ainda não leram.

A professora retorna a leitura e pergunta para a aluna:

P - Como é o nome desse pedacinho aqui? (aponta para uma sílaba)

A aluna não sabe e a professora fala:

P - CRA... E essa outra letra aqui?

A aluna mostra não saber também. Então a professora pede para que ela leia as letras do alfabeto que está exposto na parede. Mas a aluna não consegue falar o nome da letra. A professora continua perguntando o nome das letras, que sílaba é aquela. A aluna mostra conhecer algumas letras, mas a professora não desiste e continua a leitura até o final da aula.